



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INFORMAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS –
BOTÂNICA TROPICAL**

MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA PEREIRA

ETNOBOTÂNICA MÉDICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE TAUERÁ-AÇÚ, ABAETETUBA, PARÁ

**BELÉM-PA
2016**



MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA PEREIRA

**ETNOBOTÂNICA MÉDICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE TAUERÁ-AÇÚ,
ABAETETUBA, PARÁ**

Dissertação apresentada à Universidade Federal Rural da Amazônia, como parte das exigências do Curso de Mestrado em Ciências Biológicas: área de concentração Botânica Tropical, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Dra. Márlia Regina Coelho-Ferreira.

**BELÉM-PA
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA PEREIRA

ETNOBOTÂNICA MÉDICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE TAUERÁ-AÇÚ, ABAETETUBA, PARÁ

Dissertação apresentada à Universidade Federal Rural da Amazônia, como parte das exigências do Curso de Mestrado em Ciências Biológicas: área de concentração Botânica

Tropical, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Dra. Márlia Regina Coelho-Ferreira.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Márlia Regina Coelho Ferreira - Orientadora
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI – MPEG

Dr. Flávio Bezerra Barros – 1º Examinador
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA

Dra. Maria das Graças Pires Sablayrolles – 2º Examinador
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ- UFPA

Dr. Mário Augusto Gonçalves Jardim - 3º. Examinador
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI – MPEG

Dra. Maria de Nazaré do Carmo Bastos - Suplente
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI – MPEG

A Deus, fonte de força e fé, essencial para que se possa vencer todos os desafios. Ao meu avô Domingos Trindade Ferreira Pereira (*in memorian*) por todo o incentivo e pela credibilidade que depositou nesta pesquisa. À comunidade quilombola de Tauerá-Açú pela colaboração e confiança.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Ao Museu Paraense Emílio Goeldi e a Universidade Federal Rural da Amazônia pela oportunidade e infraestrutura disponibilizada dentro do Programa de Pós-Graduação em Botânica Tropical.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico Tecnológico - CNPQ pela concessão da bolsa.

À Dra. Márlia Coelho-Ferreira, pela orientação durante a realização desta dissertação, pela confiança, e pelos valiosos ensinamentos ao longo destes dois anos.

Ao meu avô Domingos Trindade Ferreira *(in memoriam)* pelo apoio durante a pesquisa e por ter me apresentado a comunidade de Tauerá-Açú.

À comunidade quilombola de Tauerá-Açú pelos conhecimentos compartilhados, em especial aos meus tios, Angelo José e Elza, e ao casal mais amável que já conheci Seu Martiliano e Dona Patrocinia, pela acolhida e por me fazerem sentir em casa. Agradeço ainda por terem compartilhado comigo um pouco do seu imenso conhecimento. Ao Seu Cosme Maués, por dividir comigo todo o seu saber sobre as plantas medicinais e por estar sempre a postos para me acompanhar em campo.

Aos meus primos Vanilson Pereira, Maria das Graças e Alison Pereira, por me conduzir em canoa pelo rio Tauerá-Açú sempre que precisei.

Aos colegas do Laboratório de Etnobotânica, Pedro Glécio, Ronize Santos e Laura por todas as “pisicas” dadas para este trabalho. Em especial a amiga Paula Correa por todos os momentos felizes e angustiantes compartilhados, pela amizade e parceria firmada nestes dois anos.

Ao Wanderson Luís, pelo auxílio durante meu trabalho de campo e na formatação das tabelas, pelo companheirismo e apoio tão necessário em todos os momentos.

À Dona Leonila e Dona Leodata Fernandes pela acolhida em Belém e me proporcionarem um ambiente familiar, me fazendo sentir como filha e neta, respectivamente.

A Deus fonte de fé e sabedoria, por ter me dado força e determinação, para não desistir diante dos obstáculos nesta longa caminhada.

Aos meus pais, Maria Antonia da Silva Pereira e Manoel da Vera Cruz Pereira, pelo apoio em todos os momentos ao longo de minha formação. E principalmente pelo incentivo e auxílio durante meu trabalho de campo. E a todos que direta ou indiretamente ajudaram na produção desta dissertação.

EPÍGRAFE

“Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa com a localização da comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.....	22
Figura 2. Diferentes ambientes na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.....	23
Figura 3. Procedimentos éticos realizados na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.....	26
Figura 4. Métodos aplicados na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.....	27
Figura 5. Origem das espécies medicinais da comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará	34
Figura 6. Espécies nativas na África e na Amazônia de maior saliência cultural, na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.....	43
Figura 7. Hábito das espécies medicinais mencionadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.	45
Figura 8. Aspectos do cultivo de plantas medicinais na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.	46
Figura 9. Partes usadas das plantas medicinais na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.	47
Figura 10. Preparações terapêuticas mencionadas pelas moradoras da comunidade Quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.	48
Figura 11. Preparações terapêuticas mencionadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.	50
Figura 12. Categorias de indicações terapêuticas das plantas medicinais na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição das entrevistadas por faixa etária na comunidade quilombola de Tauerá-Açú.....	29
Tabela 2. Tempo de moradia das entrevistadas entre nascidos na comunidade e imigrantes na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.	29
Tabela 3. Escolaridade das entrevistadas na comunidade de Tauerá-Açú.....	30
Tabela 4. Aspectos botânicos das plantas medicinais utilizadas pela comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.....	36
Tabela 5. Saliência cultural das etnoespécies medicinais na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, município de Abaetetuba.....	43
Tabela 6. Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.....	55

RESUMO

A etnobotânica é uma importante ferramenta para estudar, registrar e documentar a dinâmica das relações entre o ser humano e as plantas. Dentre os grupos sociais que praticam estas relações destacam-se os remanescentes de quilombos, que ainda guardam e praticam costumes de seus antepassados. Esta pesquisa foi realizada na comunidade Tauerá-Açú, no Território Quilombola Ilhas de Abaetetuba, e buscou demonstrar o conhecimento de seus moradores sobre as plantas medicinais e a diversidade destas. Os dados etnobotânicos foram obtidos por meio das técnicas de lista livre, entrevistas semiestruturadas e informais, turnê guiada e observação não participante. O universo amostral foi constituído por 34 mães de família, com idades entre 15 e 73 anos, além de dois especialistas locais de 51 e 76 anos. O material botânico foi coletado e identificado. Utilizou-se o Índice de Saliência Cultural (ISC), calculado partir da lista livre, para evidenciar as espécies de maior importância cultural. A diversidade de espécies foi calculada utilizando o índice de Shannon-Wiener, utilizando PC-ORD v.5.0. As entrevistadas indicaram as plantas medicinais como primeira opção de tratamento, sendo o conhecimento acerca destas repassados através da oralidade no âmbito familiar. Foram registradas 93 etnoespécies, das quais 72 foram botanicamente identificadas e se distribuem em 65 gêneros e 38 famílias, sendo Lamiaceae, Fabaceae e Asteraceae as mais representativas. As espécies mais citadas foram hortelã (*Mentha pulegium* L.), arruda (*Ruta graveolens* L.) e boldo (*Gymnanthemum amygdalinum* (Delie) Sch.Bip. ex Walp.). O hábito herbáceo foi predominante, assim como as folhas foram as partes mais utilizadas. Foram documentadas 226 receitas, cujos modos de preparo mais frequentes foram os chás, garrafadas e fumentações. Elementos diversos de origem animal, produtos beneficiados e medicamentos se associam às plantas em receitas complexas. As indicações terapêuticas mais comumente tratadas se referem aos sintomas das gripes, resfriados e diarreias. Quinze espécies apresentaram ISC expressivos, com destaque para *Mentha pulegium*, que alcançou o maior índice (0,43). Entre estas, duas espécies são amazônicas e 13 introduzidas, quatro das quais são nativas do continente africano. O índice de diversidade de Shannon-Wiener ($H' = 4,14$) foi considerado alto, o que poderia ser justificado pela ausência de espécies dominantes dentro do universo das plantas citadas pelas colaboradoras. A Comunidade quilombola de Tauerá-Açú, assim como diversas comunidades tradicionais, apresenta um conhecimento vasto e diverso, mas frágil por ser transmitido através da oralidade.

Palavras-chave: Plantas medicinais, remanescentes de quilombos, conhecimento, diversidade, Amazônia.

ABSTRACT

Ethnobotany is an important tool to study, record and document the dynamics of inter-relationship between people and plants. Among the social groups that practice these relations there are the former remainder communities of the *quilombos*, that still retain and practice the customs of their ancestors. This research was conducted in *Tauerá-Açu* community, *Território Quilombola Ilhas de Abaetetuba*, and sought to demonstrate knowledge of its inhabitants about the diversity of medicinal plants. The ethnobotanical information on medicinal plants was collected through free list, semi-structured and informal interviews, guided tour and non-participant observation. The sample universe consisted of 34 mothers (15 to 73 years), plus two local experts from 51 and 76 years. The botanical material was collected identified. We used the Cultural Significance Index (CSI), obtained from the free list, highlighting species of significance cultural. Shannon Wiener index of species diversity was applied to quantify species diversity, using PC-ORD v.5.0. The interviewees indicated medicinal plants as the first treatment option, with the knowledge passed on through oral tradition in the family. Were recorded 93 ethnospices, of which 72 were botanically identified, in 65 genera and 38 families, being Lamiaceae, Fabaceae and Asteraceae the most representative. The most cited species were *hortelã* (*Mentha pulegium* L.), *arruda* (*Ruta graveolens* L.) and *boldo* (*Gymnanthemum amygdalinum* (Delie) Sch.Bip. ex Walp.). The herbaceous habit was predominant, the leaves were the most used part of the plant. Two hundred twenty-six recipes were documented, and teas, *garrafadas* and *fumentações* were the dominant mode of use. Elements of animal origin, processed products and medicinal product are associated with plants in complex recipes. The most commonly treated indications refer to the symptoms of flu and diarrhea. Fifteen species have significant CSI, in particular *Mentha pulegium*, with highest rate (0.43). Among these, two species are natives in the Amazon and thirteen introduced, four of which are native in the African continent. The diversity index Shannon-Wiener ($H' = 4.14$) was considered high, which can be explained by the absence of dominant species within in the cited plants. The Community *Tauerá-Açu*, as well as many traditional communities, presents a vast and diverse knowledge, but fragile, because it is transmitted through the oral tradition.

Key words: Amazon, diversity, medicinal plants, remainder communities of the *quilombos*, traditional knowledge

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
1. INTRODUÇÃO.....	13
2. OBJETIVOS.....	15
2.1 Geral.....	15
2.2 Específicos	15
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	16
3.1 Comunidades remanescentes de quilombos.....	16
3.2 Estudos etnobotânicos em comunidades quilombolas.....	18
4. MATERIAL E MÉTODOS.....	21
4.1 Área de estudo	21
4.2 Procedimentos éticos	25
4.3 Amostragem, coleta e análise dos dados.....	26
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	29
5.1 Perfil das mães da comunidade quilombola de Tauerá-Açú.....	29
5.2 Especialistas Tradicionais.....	30
5.3 Descendência quilombola	31
5.4 Problemas de saúde e caminhos terapêuticos na comunidade quilombola Tauerá-Açú.	32
5.5 Fonte de saberes etnobotânicos.....	33
5.6 Aspectos Botânicos	33
5.7 Origem e disponibilidade das plantas medicinais.....	34
5.8 Índice de diversidade das espécies medicinais da comunidade quilombola de Tauerá-Açú.....	42
5.9 Saliência Cultural das etnoespécies medicinais da comunidade quilombola de Tauerá-Açú.....	42
5.10 Hábito.....	45
5.11 Ambientes explorados.....	45
5.12 Partes das plantas utilizadas.....	46
5.13 Preparações terapêuticas e vias de administração.....	47
5.14 Associações diversas.....	51
5.15 Indicações terapêuticas	53

6. CONCLUSÃO.....	80
7. REFERÊNCIAS	82
APENDICE	94

1. INTRODUÇÃO

A Amazônia constitui um dos mais completos e biodiversos ecossistemas da Terra, graças ao equilíbrio e interação de diversos fatores ambientais (DI STASI; HIRUMA-LIMA, 2002). Nesta região, a heterogeneidade e complexidade de ambientes combinam-se a uma gama de culturas muito ricas entre elas indígenas, caboclas, ribeirinhas e remanescentes quilombolas (BERG, 2010; AMOROZO; GÉLY, 1988). Este complexo compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que apresentaram a sua organização social em um sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais responsáveis pelas formas de economia de subsistência e de mercado (FRAXE *et al.*, 2007).

Os remanescentes de quilombos, a partir da Constituição Federal 1988, obtiveram o direito ao reconhecimento e titulação da terra, viabilizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em território federal, e no Pará a emissão é realizada pelo Instituto de Terras do Pará (Iterpa).

As Comunidades remanescentes de quilombos estabelecidas na Amazônia têm uma estreita relação com o meio ambiente, graças ao conhecimento integrado de crenças e práticas, adquiridas de geração em geração, que configuram seus modos de vida e suas territorialidades, dentre essas práticas está o uso das plantas medicinais como uma alternativa para as curas e tratamentos de suas enfermidades. (LIMA; PEREIRA, 2007; SALES *et al.*, 2009). Todo esse conhecimento é repassado através da oralidade, uma característica própria das comunidades tradicionais, já que a grande maioria delas não possui uma tradição escrita (REZENDE; RIBEIRO, 2005).

Segundo a Fundação Palmares (FCP, 2015), no estado do Pará, em particular, existem 227 territórios reconhecidos como remanescentes de quilombos o que corresponde a cerca de 70% do total na Região Norte.

Voeks (2008) um estudioso da diáspora africana nas Américas particularmente da etnobotânica associada aos cultos afroamericanos, inclusive, do Candomblé na Bahia, afirma que as comunidades quilombolas desempenham um importante papel, na preservação das tradições etnobotânicas africanas.

A Etnobotânica é, portanto, uma importante ferramenta para estudar a dinâmica das relações entre o ser humano e as plantas (ALEXIADES, 1996). O registro e a documentação destas relações propicia revitalização do conhecimento dos povos e comunidades que habitam e manejam os ecossistemas naturais (DIEGUES, 2000; FRAXE *et al.*, 2007)

O município de Abaetetuba, situado no Baixo Tocantins, conta com 15 territórios quilombolas titulado, os quais têm sido alvos de trabalhos científicos abrangendo dinâmicas territoriais (NAHUM, 2011), sistema educacional (CARDOSO, 2012) e segurança alimentar (NASCIMENTO, 2013). Neste sentido, se apresentam como um campo favorável ao desenvolvimento de pesquisas científicas com abordagens diversas.

A autora do presente trabalho tem suas origens no município de Abaetetuba, mais precisamente na Comunidade de São João Batista – Rio Campompema, onde realizou um estudo etnobotânico sobre as plantas medicinais no âmbito do seu trabalho de conclusão de curso (PEREIRA; CAVALCANTE, 2014). Este primeiro trabalho despertou o interesse em aprofundar seus conhecimentos acerca deste tema, possibilitado pela aprovação no Mestrado em Botânica Tropical.

Para desenvolver a pesquisa, foi escolhida a comunidade quilombola Tauerá-Açú, no Território “Ilhas de Abaetetuba”. Os laços de parentesco da autora com afrodescendentes da região e o desejo de conhecer melhor esta cultura nortearam a escolha da referida comunidade, onde ainda reside parte da sua família.

Neste cenário, as questões que nortearam este trabalho foram: Qual a diversidade de plantas utilizadas pela comunidade quilombola de Tauerá-Açú? Quais os usos e a origem dessas plantas? Qual a importância das espécies nativas e exóticas dentro da comunidade? Que espaço as plantas de origem africanas ocupam na medicina tradicional? Quem detém os conhecimentos sobre as plantas de uso terapêutico?

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Demonstrar o conhecimento dos moradores da comunidade quilombola de Tauerá-Açú, sobre as plantas medicinais e a diversidade destas.

2.2 Específicos

- Registrar o conhecimento etnobotânico detido pelos moradores da comunidade de Tauerá-Açú associado às plantas medicinais;
- Identificar quem são os detentores do conhecimento acerca das plantas medicinais e a importância destas entre as práticas médicas tradicionais.
- Verificar que espécies apresentam maior importância cultural;
- Verificar a origem das plantas medicinais utilizadas pelos moradores;
- Investigar a importância das plantas de origem africana na medicina tradicionalmente praticada na comunidade.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Comunidades remanescentes de quilombos

Muitos foram os povos africanos importados no sistema escravista do século XVI, durante o período de colonização das Américas. Esse sistema teve particularidades substanciais no Brasil em relação ao resto do continente americano, uma vez que a sociedade escravista conseguiu se estabilizar e se desenvolver nessa região, verificando-se a continuidade de importação de escravos por muitos séculos (GOMES; BANDEIRA, 2012).

Com a chegada dos primeiros africanos ao Brasil, oriundos de regiões localizadas abaixo do Equador, começaram os contatos destes com os indígenas, que foram transmitindo seus conhecimentos sobre as plantas nativas e os papéis que as mesmas desempenhavam em seus rituais religiosos e de cura (VERGER, 1981). A partir daí, de acordo com este autor, os negros passaram a usá-las também em suas reuniões religiosas. Em contrapartida, deram sua contribuição com uso de plantas trazidas da África (VERGER, 1981; VOEKS, 1997; 2013), muitas delas originalmente utilizadas em rituais religiosos, mas também utilizadas por suas propriedades farmacológicas empiricamente descobertas. (LORENZI; MATOS, 2008).

De acordo com Salles (1971), na Amazônia do século XIX, havia a chegada de uma maciça população negra em situação de escravidão. Foram trazidos à região para substituírem os indígenas, protegidos da escravização, pelos jesuítas. No Pará trabalhando nas lavouras de arroz, cana-de-açúcar, tabaco, algodão e cacau, bem como nos engenhos. Encontravam-se distribuídos em todo o estado, abrangendo a Ilha do Marajó, a região costeira, o baixo Amazonas, a capital e o baixo Tocantins.

Nestes municípios as fugas de escravos tornavam-se alarmantes e incontroláveis (SALLES, 1971), pois a região do baixo Tocantins despertava certa sedução, já que lá, ventilavam-se algumas movimentações contra o regime de então, mesclando-se com os ideais do movimento da Cabanagem, visto pelo negro como forma de adquirir a liberdade definitiva (MORAES PINTO, 2001).

Após as fugas, os escravos se reuniam e, solidários entre si, formavam os quilombos, locais símbolo de resistência, que ao longo dos anos continuaram sendo habitados por seus descendentes e hoje são reconhecidos como comunidades quilombolas ou comunidades remanescentes de quilombo (SALLES, 1971).

As comunidades quilombolas consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num

determinado lugar (ABA, 1994). Elas foram constituídas a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem desde as fugas com ocupação de terras livres até a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção (SCHMITT *et al.*, 2002).

O direito destas comunidades no Brasil foi tratado na 1º Convenção Nacional do Negro pela Constituinte, realizado em Brasília, em 1986, organizada pelo Movimento Negro Unificado (MNU), foi apresentada a proposta de uma norma que garantisse os direitos das comunidades negras rurais do Brasil. Os deputados Constituintes ligados a esse movimento defenderam essa questão durante o processo Constituinte (1987-1988), e foi aprovado na Constituição de 1988 o artigo 68 que prevê: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (MARQUES; MALCHER, 2009).

O primeiro território quilombola foi reconhecido e titulado, em 1995, no município de Oriximiná – Pará, sendo ela a comunidade quilombola de Boa Vista com 1.175 hectares (INCRA, 2016). Essa primeira titulação foi um marco histórico, pois demonstrou ao país a viabilidade do cumprimento do artigo 68 da Constituição Federal, até então questionada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA principalmente por se tratar de uma titulação coletiva (CPI-SP, 2016; TRECCANI, 2006).

Até 2015, 2.474 territórios quilombolas foram reconhecidos e certificados pela Fundação Palmares no Brasil. A Região Norte é a terceira maior em número de comunidades com Certificado de Remanescente de Quilombolas (CRQ), contando 312 comunidades certificadas, 227 destas situadas no Pará (FCP, 2016).

Na Mesorregião do Nordeste Paraense, área com histórico de colonização mais antiga do estado, diversas comunidades quilombolas podem ser encontradas nos municípios: Abaetetuba, Acará, Augusto Correa, Baião, Bonito, Bragança, Cachoeira do Piriá, Cametá, Capitão Poço, Colares, Concórdia do Pará, Igarapé-Miri, Irituia, Mocajuba, Moju, Oeiras do Pará, São Miguel do Guamá, Tracuateua, Viseu (NAHUM, 2011).

As comunidades quilombolas do município de Abaetetuba tiveram seus territórios titulados em 2012 pelo Instituto de Terras do Pará (Iterpa) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), ocupando um total de 54.874,04 hectares. Parte desta área corresponde ao território “Ilhas de Abaetetuba”, do qual fazem parte as comunidades quilombolas: Alto e Baixo Campompema, Jenipaúba, Acaraqui, Igarapé São João, Arapapú e Tauerá-Açú.

A luta pela terra, bem como o sentimento de pertencimento dessas comunidades aos seus territórios, foram objetos de estudo de pesquisadores no Pará, que buscaram compreender a relação desses grupos com o território, seja analisando a resistência pela permanência em suas terras, tais como Acevedo e Castro (1993) em Porto Trombetas e Carvalho (2001) na comunidade Igarapé Preto em Cametá; seja verificando os impactos ambientais causados pelas interações com os recursos naturais, como fez Amaral (2008) em Santarém; ou estudando a territorialidade e aspectos culturais dessa relação, como Nahum (2011) em Abaetetuba; ou ainda realizando o resgate de memórias, como Moraes Pinto (2001) na região tocantina paraense.

3.2 Estudos etnobotânicos em comunidades quilombolas

Os africanos, junto com os indígenas e europeus, são responsáveis pela formação das bases culturais e biológicas sobre o conhecimento das plantas úteis no Brasil. Sabe-se que o negro influenciou a medicina tradicional por sua história empírica de convívio com a natureza e os recursos que dela buscavam nas suas preparações medicamentosas, onde vegetais, minerais e animais se associavam (CREPALDI; PEIXOTO, 2009).

As plantas trazidas pelos africanos, assim como o conhecimento associado a estas que persistem não apenas na medicina tradicional ou popular, mas também nos cultos e religiões afro-brasileiros (CAMARGO, 1988; ALBUQUERQUE, 1997; VOEKS, 1997).

Sabe-se que as comunidades remanescentes de quilombos ainda mantêm as tradições que seus antepassados trouxeram da África, como práticas agrícolas, práticas religiosas, técnicas de mineração, arquitetura e construção, artesanato, culinária, relações comunitária do uso da terra e cuidado com a saúde física e espiritual (ANJOS, 2000). O trabalho de Monteles e Pinheiro (2007) no Quilombo Sangrador - Maranhão corroborou essa afirmativa, ao considerarem que, a terapêutica local foi influenciada pelo sincretismo de práticas africanas e indígenas.

Cada vez mais, estudos comprovam, o vasto conhecimento das comunidades quilombolas, sobre a flora medicinal e a manutenção dos saberes, como o de Barboza da Silva *et al.*(2012), Mota e Dias (2012), ambos na Bahia, assim como Silva (2002) em Curiaú, no Amapá.

A necessidade da manutenção do conhecimento acerca da flora nas comunidades remanescentes de quilombos está diretamente ligada à dependência dos recursos naturais, conforme ressaltam Gomes e Bandeira (2012), na Comunidade Raso da Catarina e Moreira *et*

al. (2002), na comunidade Vila da Cachoeira, as duas localizadas no estado baiano. Segundo Almeida *et. al* (2014), essas práticas devem estar alinhadas a planos de manejo, para que o aumento no consumo desses recursos não venham a prejudicar o meio ambiente.

Segundo Massarotto (2009), os saberes sobre a diversidade e o uso das plantas medicinais não diferem entre comunidades quilombolas rurais e populações urbanas, conforme comprovado no trabalho realizado no nordeste de Goiás. De acordo com a autora isso deve-se ao não isolamento das comunidades quilombolas estudadas, o que permite a troca de informações e conhecimentos.

Rodrigues e Carlini (2003) realizaram um levantamento etnofarmacológicos na comunidade Mata Cavalo no Mato Grosso e verificou que mais de 50% das espécies citadas já tiveram suas atividades terapêuticas atribuídas localmente, atestadas.

No entanto, esses conhecimentos adquiridos ao longo das gerações, demonstram-se frágeis, e em algumas situações chega-se a diminuição no uso das plantas medicinais e a perda de informações, por conta de diversos fatores como a facilidade de acesso a medicina oficial (SALES *et al.*, 2009), o desinteresse dos jovens em receber essas informações (FRANCO; BARROS, 2006; CREPALDI; PEIXOTO, 2009) e o desmatamento (NASCIMENTO; CONCEIÇÃO, 2011).

As plantas medicinais que compõem a farmacopeia de uso frequente nas comunidades quilombolas de Oriximiná foram alvo de bioprospecção por Oliveira (2009). Posteriormente, Oliveira *et al.* (2011) analisaram uma bebida tradicional quilombola preparada com a espécies *Ampelozizyphus amazonicus* Ducke, no intuito de comprovar as atividades alegadas (fortificante e anti-malária). Constataram, no entanto, que tais atividades pode estar relacionadas a uma possível ação adaptógena e imunoestimulante desta espécie. Partindo de um levantamento etnobotânico realizado nestas comunidades, Oliveira *et al.* (2015) buscaram bioproductos ativos contra a malária, e constataram que as espécies mais citadas pelos remanescentes de quilombos de Oriximiná são nativas, mostrando o conhecimento da flora local.

A comunidade quilombola de Saracura, que habita as várzeas do Rio Amazonas, Santarém, Pará, onde Cavalcante e Oliveira (2014) levantaram as espécies úteis para a referida comunidade. Constataram que as espécies úteis nativas garantem não só a sustentabilidade da população, como a conservação do ecossistema e a valorização quilombola.

Os estudos etnobotânicos em comunidades tradicionais tais como quilombolas, são de grande relevância, pois são responsáveis pela documentação e registro de informações e saberes que cada vez mais se tende à redução ou mesmo ao desaparecimento, quando sofre a ação inexorável da modernidade (GUARIM-NETO *et al.*, 2000), pois à medida que novos valores se sobrepõem aos antigos, e aumenta o acesso a cuidados institucionalizados com a saúde, a tendência é que a diversidade de plantas utilizadas com fins terapêuticos se torne restrita às espécies cultivadas e às invasoras cosmopolitas (AMOROZO, 2002).

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Área de estudo

O município de Abaetetuba pertence à Mesorregião do Nordeste Paraense e à Microrregião de Cametá, estando sua sede municipal localizada entre as coordenadas geográficas 01°43'24"S e 48°52'54"W (SEPOF, 2016). Abaetetuba é um dos menores municípios do Pará, com 1.611 Km² de extensão e possui aproximadamente 140.000 habitantes (IBGE, 2016a). Ocupam a zona urbana, representada pela sede do município e a zona rural, da qual fazem parte estradas (estradas) e ilhas. Segundo o IBGE (2016b), pouco mais de 58 mil habitantes encontram-se na zona rural do município, principalmente na região de ilhas, compostas por áreas de várzeas.

A cobertura vegetal original, representada pela floresta ombrófila densa de terra firme com árvores de grande porte, é praticamente inexistente, dando lugar à Florestas Secundárias, intercaladas com cultivos agrícolas (SEPOF, 2016). Apresentam vegetação característica, com espécies ombrófilas latifoliadas, intercaladas com palmeiras, dentre as quais despontam o açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) e o miriti (*Mauritia flexuosa* L. f.) (ALMEIDA *et al.*, 2004).

Os ambientes de várzea são caracterizados por uma sazonalidade marcante devido às enchentes periódicas dos seus rios, que regulam os ciclos de vida da biota local e consequentemente regulam as oportunidades de subsistência das populações humanas. Assim as populações locais precisam adotar estratégias de adaptação, que implicam na coordenação das atividades produtivas tais como a criação de gado, o cultivo de plantas anuais e perenes, a caça e a pesca, às modificações sazonais da paisagem e biota locais (FRAXE *et al.*, 2007).

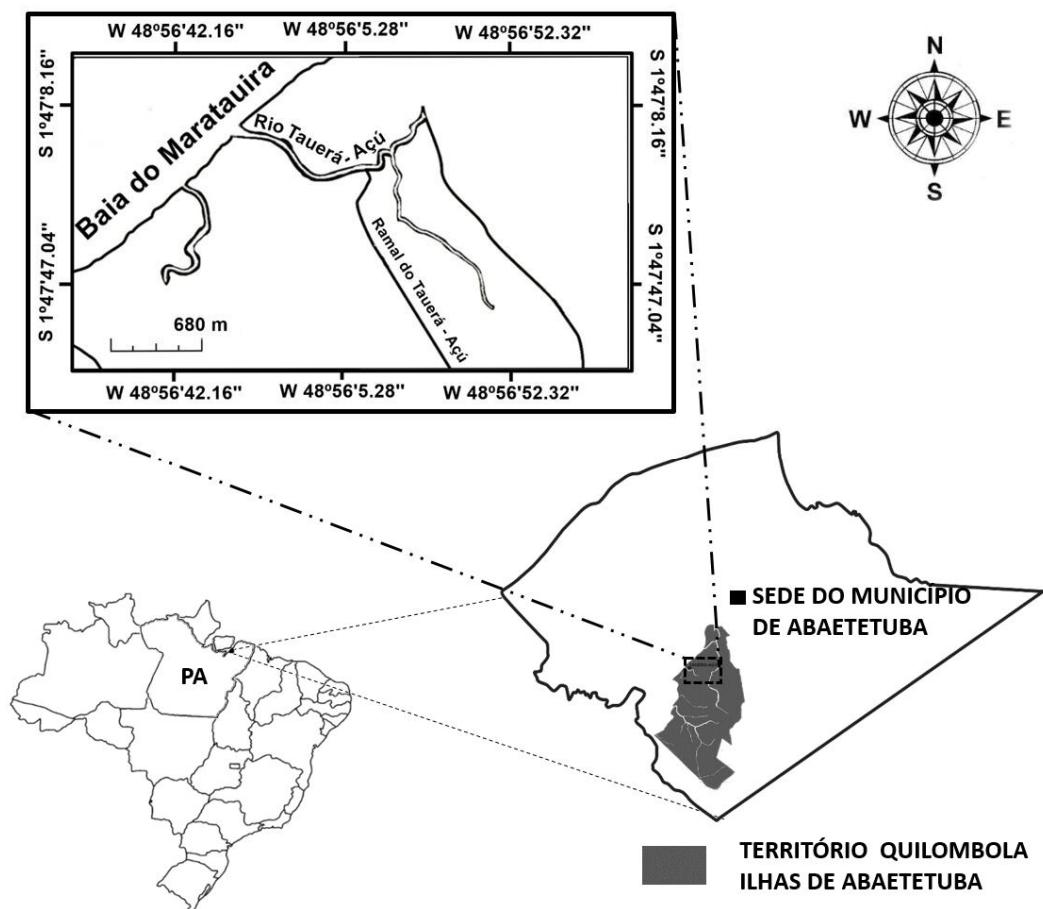
No município 15 comunidades remanescentes de quilombos foram tituladas pelo Iterpa (Instituto de Terras do Pará) e Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), sendo 10 na região das ilhas. Estas formam o “Território Quilombola Ilhas de Abaetetuba”, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 03 de setembro de 2012, com pouco mais de 12 mil hectares, onde vivem aproximadamente 1.700 famílias e uma população próxima de 7.500 pessoas distribuídas irregularmente pelas comunidades ao longo dos rios, furos e igarapés (NAHUM, 2011).

Integra este território comunidade quilombola de Tauerá-Açú, área de estudo (Figura 1). Conta com uma população de aproximadamente 600 habitantes, que vivendo em dois ambientes: A várzea e o “centro” que corresponde ao ramal perpendicular à estrada que dá acesso à sede do município. Na área ribeirinha residem 80 famílias (Figura 2A), exposta à um

ciclo diário de enchentes e vazantes, ocasionados pela influência das marés. E habitam residências características de populações de várzea, a maioria das casas é de madeira, suspensas há pelo menos 1,50 metros do solo, para evitar que estas fiquem submersas durante as marés altas. Em frente às casas, são construídas pontes e um pequeno trapiche de madeira, coberto por telhas de argila, utilizado para a ancoragem das embarcações e desembarque de pessoas e mercadorias. As pontes de madeira, também são responsáveis por interligar as casas.

Esta parte populacional da comunidade tem sua renda advinda da pesca principalmente do camarão. Além da pesca, o plantio e extrativismo de açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) colaboram com boa parte da renda dessas famílias (Figura 2C). Dentro da comunidade há ainda aqueles que atuam como atravessadores, comprando o açaí dos pequenos produtores para revender aos feirantes. A safra deste recurso compreende o período de maio à novembro; na entressafra, além da pesca, a criação de pequenos animais como pato, frango, porco complementam a renda.

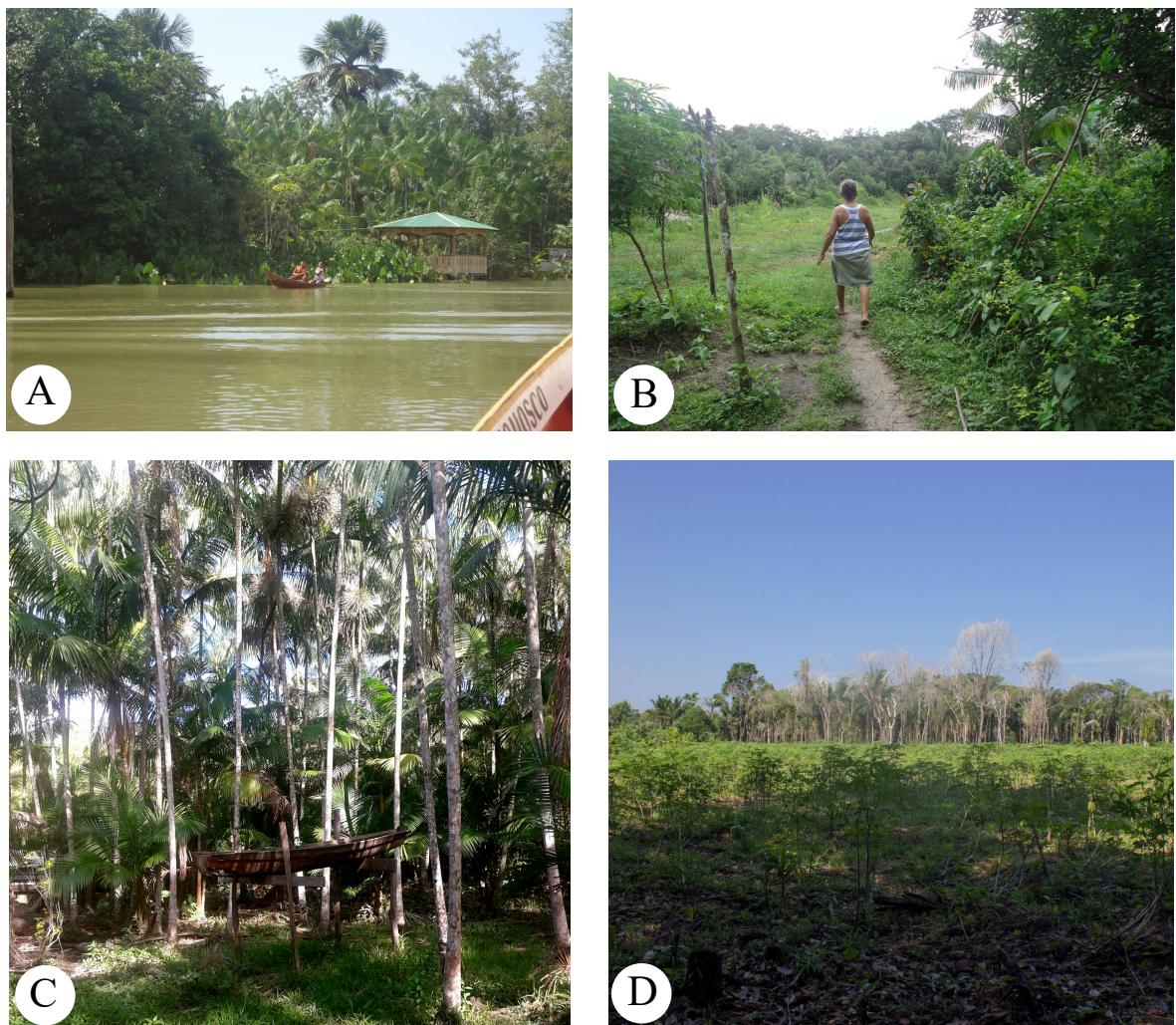
Figura 1. Mapa com a localização da comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.



No centro, estão distribuídas 20 famílias (Figura 2B), estas habitam uma região mais alta da comunidade, onde não ficam expostas a todas as enchentes, apenas aquelas em que água atinge seus maiores níveis, por isso a maioria das casas são de alvenaria, cercada por grandes quintais, e interligadas por estreitos caminhos abertos de terra batida.

Esta população vive basicamente da roça de mandioca e macaxeira (*Manihot esculenta* Crantz) (Figura 2D). Usualmente a produção de farinha, para a subsistência é um trabalho de cunho familiar, em que todos participam em alguma fase do processo, cujo rendimento é de 90kg (3 sacos) em média. A farinha é comercializada, quando há uma grande produção, geralmente em roças feitas em consórcio, isto é, por duas ou mais famílias.

Figura 2. Diferentes ambientes na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. A - área ribeirinha, B - área do “centro”, C - açaizal, D - roça de mandioca e macaxeira.



Para complementar o sustento da família os moradores do centro produzem carvão vegetal de toda a madeira retirada das áreas, em que serão plantadas as roças. Nas antigas roças, bem

como nos quintais, dão lugar ao cultivo de palmeiras (pupunha - *Bactris gasipaes* Kunth) e arbóreas frutíferas (bacuri - *Platonia insignis* Mart.; piquiá - *Cayocar villosum* (Aubl.) Pres.), cujos frutos são consumidos como complemento à alimentação das famílias. O excedente é vendido na feira de Abaetetuba, ou na localidade.

A educação básica é garantida pela única escola existente na localidade - Escola Municipal Santa Ana, que oferece ensino da Educação Infantil até a 4^a série. Para dar continuidade aos estudos, os alunos devem se deslocar para a sede do município ou para comunidades próximas que atendam as demais séries. O transporte fluvial, em rabetas é garantido pela prefeitura de Abaetetuba, que contrata pessoas da localidade para desempenhar esta função.

Em Tauerá-Açú, o saneamento básico é inexistente, não há abastecimento de água potável, de modo que as famílias utilizam a água do rio para as atividades diárias e higiene pessoal. Nos períodos de maré baixa, a água é estocada em baldes. A água utilizada na alimentação é adquirida em poços existentes principalmente no “centro”, para onde as famílias ribeirinhas se deslocam em busca deste precioso recurso, armazenando em garrafões e baldes.

O lixo é queimado ou enterrado nos quintais ou até mesmo abandonam em áreas públicas. O tratamento de esgoto também é ausente, e os banheiros apresentam fossa a céu aberto.

O serviço de energia elétrica, segundo o Ministério de Minas e Energia (2015), foi implantado em 2010 na Comunidade de Tauerá-Açú, porém não atende toda a população. As famílias contempladas foram apenas as ribeirinhas; no “centro”, têm acesso a energia elétrica, somente a igreja, a escola e três casas localizadas no entorno destas.

A padroeira de Tauerá-Açú é Nossa Senhora Santa Ana, festejada por três dias no mês de julho, em que cada dia é patrocinado por um grupo de famílias, responsáveis pela produção da alimentação e bebidas vendidas durante o evento. Além disto, organizam prêmios para o leilão e bingos, cuja renda é revertida para as obras da igreja.

Na comunidade há pelo menos três locais destinados exclusivamente ao culto afro-brasileiro que funcionam. De acordo com os interlocutores, existem pessoas que realizam os rituais em casa e há certo sigilo quanto às atividades, por medo de discriminação dentro da própria comunidade. Os responsáveis pelo culto, pai ou mãe de santo, atendem principalmente doenças de cunho espiritual, mas também são procurados para combater maus espíritos que

afetam pessoas, casas, animais, etc. Segundo uma informante, há muito sofrimento quando a pessoa não aceita assumir o seu dom:

“Meu filho recebeu esse dom, mas a gente não sabia e ele sofria muito, ele não dormia mais, gritava de noite e de dia era uma perseguição. Já não sabia, mas pra que médico levar. Um dia levei ele pra benzer com uma senhora lá na cidade. Aí, ela me disse que meu filho era Pai de Santo e que por isso que ele “tava” sofrendo, ele tinha que trabalhar com isso. Tá aí, ele não faz mal pra ninguém, às “vez” chegam ai e pagam ele e ele faz o que pede pra ele. Ele não é “macumbeiro” ele não faz marvadeza”.

As mães que se dizem católica formam o grupo da Pastoral da Criança reunindo-se semanalmente para rezar, refletir sobre temas pertinentes, além de orientações e visitas as pessoas doentes. Este grupo se ocupa ainda da confecção de artesanato e da costura, cujos produtos são oferecidos à preços módicos à comunidade, como maneira de levantar fundos para os trabalhos da pastoral.

4.2 Procedimentos éticos

Antes de iniciar o trabalho de campo propriamente dito, a autora foi introduzida na comunidade de Tauerá-Açú pelo tio residente desta, pelo avô conhecido dos moradores, com os quais mantinha amizade em vida. Nesse primeiro momento, por indicação destes parentes foram visitados moradores considerados influentes na comunidade e com conhecimento sobre o tema do projeto. Entre estes moradores encontrava-se Dona Maria do Socorro, Líder da Pastoral da Criança e Agente Comunitária de Saúde (ACS), quem demonstrou interesse na pesquisa e propôs a apresentação detalhada do projeto ao grupo de mães.

Duas semanas depois, tendo a ACS convocado uma reunião com o referido grupo, o projeto foi apresentado e discutido com as presentes, que o aprovaram (Figura 3 A). Desta maneira, foi elaborado o Termo de Anuência Prévia (TAP), foram feitas modificações em conformidade com as solicitações das participantes, que assinaram o mesmo (Figura 3 B).

Figura 3. Procedimentos éticos realizados na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. A - reunião de apresentação do projeto, B - mães assinando o TAP.



Foi organizada a documentação exigida pela M.P.2.186-16/2001, ainda em vigor em 2014, e encaminhada ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que autorizou o acesso ao conhecimento tradicional da comunidade quilombola de Tauerá-Açú sob o processo de nº 01492.000102/2015 (APÊNDICE).

4.3 Amostragem, coleta e análise dos dados

O trabalho de campo, foi conduzido de março a outubro de 2015, considerando o cadastro das 100 unidades familiares, fornecido pela Agente Comunitária de Saúde, foi feito uma amostragem probabilística (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010) através do sorteio de 34 unidades (34% do total). Optou-se por trabalhar com as mães de família que em geral detêm conhecimentos fundamentais, dos quais se utilizam em primeira instância no tratamento caseiro dos problemas de saúde (COELHO-FERREIRA, 2000).

A coleta de dados envolveu técnicas e métodos de pesquisas usuais em etnobotânica e complementares entre si: entrevistas semi-estruturadas, lista livre, observação não participante e turnê guiada. Durante a coleta de dados foram feitas gravações e fotografias sempre que autorizado pelo informante, como complemento às informações descritas na caderneta de campo.

Em um primeiro momento, aplicou-se um formulário, buscando informações socioeconômicas, ao final do qual, era solicitado a cada uma das interlocutoras que listassem as plantas medicinais. Conhecida como “lista livre”, esta técnica tende a identificar os itens de uma categoria étnica ou domínio cultural, pois ao listar os itens, as pessoas tendem a colocar em ordem de familiaridade, ou seja, do que elas mais conhecem ou usam (QUINLAN, 2005). A partir da lista gerada, foi aplicado a entrevista semi-estruturada (Figura 4 A), através de um

segundo formulário com dados relativos às espécies vegetais. Esta é uma técnica que dá ao pesquisador controle das informações a serem obtidas e, ao mesmo tempo, grande flexibilidade, podendo aprofundar novos elementos que irão surgindo durante a entrevista (BERNARD, 2006).

A observação não participante (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010), foi utilizada para registrar informações de forma mais livre sem envolvimento direto com a comunidade. Ainda segundo este autor, este método implica em um contato maior com a comunidade, porém sem um alto grau de envolvimento, e normalmente levanta uma grande quantidade de informações.

Ao longo do trabalho de campo, foram identificados dois informantes-chave ou “especialistas locais” por meio da técnica “bola de neve” (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010). As duas pessoas identificadas, do sexo masculino, foram legitimadas e reconhecidas na comunidade como detentoras de um saber particular sobre plantas medicinais. Um deles atua apenas na indicação das plantas para fins terapêuticos, enquanto que o outro, além deste papel, realiza rituais de cura e é reconhecido como “benzedor”.

Foi utilizado também, o método da “Turnê guiada” (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010), importante para avaliar consenso de nomes, coletar amostras e dados suplementares aos obtidos nas demais técnicas, através de conversas informais dentro da mata (PHILLIPS; GENTRY, 1993; NESHEIM *et al.*, 2006). Este método foi aplicado em momentos distintos, contando com a colaboração dos dois “especialistas locais” (Figura 4 B). Floresta, roças, quintais e capoeiras foram os ambientes visitados, onde foram coletadas amostras botânicas referentes tanto às espécies citadas nas entrevistas, quanto às espécies surgidas nestes momentos. Informações adicionais sobre ambas foram anotadas.

Figura 4. Métodos aplicados na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. A - Entrevista. B - Turnê guiada.



Além das plantas coletadas durante a turnê guiada, houveram amostras obtidas durante as entrevistas, quando os informantes as possuíam em seus quintais.

Os espécimes vegetais foram coletados e herborizados seguindo as técnicas descritas por Ming (1996). A identificação se deu por meio de comparação com a coleção do Herbário MG do Museu Paraense Emílio Goeldi e confirmação por parataxonomista e especialistas da instituição. O sistema de classificação APG III (2009) foi adotado para as famílias botânicas e a atualização dos nomes científicos foi feita de acordo com a Lista de Espécies da Flora do Brasil 2014 (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>), Missouri Botanical Garden (<http://www.tropicos.org/>), bem como a determinação da origem das plantas. Para a confirmação das espécies de origem africana foi consultada a base de dados African Plants Database (<http://www.ville-ge.ch/cjb/>).

Os dados qualitativos levantados foram sistematizados em um banco de dados no Programa Excel, organizados em tabelas e gráficos, que subsidiaram a análise quali e quantitativa dos dados acerca do conhecimento etnobotânico dentro da comunidade estudada.

Foi considerada a terminologia local referente às indicações terapêuticas e modo de preparo, por serem próprios nesta comunidade tradicional e empregados apenas naquele convívio social, devendo, portanto, ser considerado e documentado.

A fim de verificar a importância cultural das espécies para a Comunidade Quilombola de Tauera-Açú utilizou-se o índice de Saliência Cultural (ISC), a partir da lista livre com o auxílio do software Visual Anthropac-Freelists 4.0 (BORGATTI, 1996). O ISC levou em consideração para cada etnoespécie a ordem em que foi listada e a frequência de citação. Segundo Pedrollo (2013) para ser considerada saliente, não basta a etnoespécie ser mencionada por muitos informantes, precisa também ser lembrada antes de que as outras.

A diversidade foi analisada utilizando o índice de Shannon-Wiener, proposto por Krebs(1989), utilizando o programa PC-ORD versão 5.0, considerando apenas uma citação da espécie por informante, mesmo que um informante tenha citado uma espécie várias vezes, para vários usos, como proposto por Begossi (1996). As estimativas para este índice foram calculadas por meio da seguinte fórmula de Shannon-Wiener, base n , onde s = número de espécies.

$$H' = - \sum_{i=1}^s (p_i)(\log p_i)$$

$p_i = n_i / N$
 $n_i = \text{número de citações por espécie}$
 $N = \text{número total de citações.}$

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Perfil das mães da comunidade quilombola de Tauerá-Açú

A idade das 34 mães de família entrevistadas variou entre as faixas etárias de 10-20 à 71-80 (Tabela 1). Uma expressiva parcela (61,8%) tem entre 21 e 50 anos. Apenas uma informante tem menos de 18 anos, e foi inclusa na pesquisa por gerir a casa paterna e cuidar dos irmãos pequenos já que seus pais são divorciados; a mais idosa tem 73 anos.

Tabela 1. Distribuição das entrevistadas por faixa etária na comunidade quilombola de Tauerá-Açú.

Faixa etária	Nº de entrevistadas	%
10-20	2	5,9
21-30	6	17,6
31-40	9	26,5
41-50	6	17,6
51-60	5	14,7
61-70	3	8,8
71-80	3	8,8
Total	34	100

Dezoito colaboradoras (53%) nasceram na comunidade, e 16 (47%) vieram de outras comunidades do Território quilombola “Ilhas de Abaetetuba”, da área urbana do município e de Igarapé-Mirí, município vizinho. O tempo de moradia é em média de 31 anos, sendo a mínima de dois anos e o máximo de 66 anos informados (Tabela 2). O tempo de permanência em uma comunidade determina o nível e a profundidade de conhecimento; assim, quanto maior o tempo, mais bem conservado permanece o conhecimento etnobotânico (AMOROZO, 1996; LIMA 1996).

Tabela 2. Tempo de moradia das entrevistadas entre nascidos na comunidade e imigrantes na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.

Tempo de Permanência (Anos)	Nascidos na comunidade	Imigrantes
< 10	-	5
entre 11 e 20	2	5
entre 21 e 30	2	-
entre 31 e 40	6	3
entre 41 e 50	5	1
entre 51 e 60	2	2
entre 61 e 70	1	-
Total	18	16

Todas as entrevistadas se ocupam em primeiro lugar dos afazeres domésticos, sendo que algumas se dedicam exclusivamente a eles por opção (6) ou por circunstâncias familiares (1). A maioria se ocupa com outras atividades geradoras de renda, que complementam o orçamento familiar. Entre elas 16 trabalham na lavoura de milho, algodão, açaí e nas roças de mandioca e macaxeira, são servidoras públicas da escola local (3), pescadoras (3), agentes comunitárias de saúde (2), aposentadas (2) e costureira (1).

Em relação à escolaridade (Tabela 3), a maioria das colaboradoras possui baixa ou nenhuma escolaridade. Esta é uma condição que dificulta a transmissão de conhecimento pela via escrita, e torna a oralidade a principal fonte de difusão de conhecimento dentro da comunidade. Cerca de 15% concluíram o ensino superior ou o estão o cursando.

Tabela 3. Escolaridade das entrevistadas na comunidade de Tauerá-Açú.

Escolaridade	Nº de citações	%
Ensino fundamental incompleto	17	50,00
Ensino médio	7	20,59
Ensino superior	3	8,82
Ensino fundamental	2	5,88
Ensino superior incompleto	2	5,88
Semi letrada	2	5,88
Iletrada	1	2,94
Total	34	100

Quanto à religiosidade, cerca de 97% declararam-se católicas e apenas uma informante afirmou ser evangélica, observou-se porém, que entre as mulheres, que se autodeclararam católicas, algumas frequentam casas de culto afro-brasileiro presentes na comunidade, principalmente para consultas sobre doenças provocadas por mau olhada e maus espíritos.

5.2 Especialistas Tradicionais

Foram apontados pelas entrevistadas dois especialistas tradicionais. Sr Martiliano dos Santos, localmente chamado de Seu Cati, tem 76 anos, e é natural da comunidade quilombola de Tauerá-Açú. É católico e sabe apenas assinar o próprio nome. Filho de mãe negra e pai branco, conta que aprendeu o poder das plantas com seus pais e avós. É um conhecedor da mata, e em particular das plantas úteis, sendo reconhecido pela comunidade, como grande conhecedor de plantas medicinais e por compartilhar seu amplo conhecimento com os demais e, sempre que possível, fornecer plantas para aqueles que o procuram. Sr. Martiliano, no entanto, não prepara remédios.

Sr. Cosme Maués, conhecido também como Damião/Binho tem 53 anos, é nascido na comunidade de Moju-Mirí (Município de Abaeté), e resida há 22 anos em Tauerá-Açú. É filho de pai negro e mãe indígena, com os quais aprendeu os primeiros ensinamentos sobre o uso da mata. Sr. Cosme é especialista em garrafadas e outros preparados, cujos ingredientes naturais principalmente cascas de árvores são procurados e coletados por ela na mata. Além disso, é reconhecido pela comunidade também por realizar o trabalho de benzendor, unindo seu conhecimento acerca das plantas com as orações. Ele aponta Sr. Martiliano como o responsável pelo aprofundamento de sua familiarização com as plantas medicinais da mata.

5.3 Descendência quilombola

Dentre o universo amostral 12 entrevistados naturais de Tauerá-Açú, se declararam descendentes de quilombolas. Sr. Martiliano (76 anos) e sua esposa D. Patrocinia (77 anos), contou que seus avós vieram no mesmo navio negreiro para o Brasil, onde foram escravizados no baixo Tocantins (Igarapé-Mirí e Mojú). Depois de algum tempo, segundo D. Patrocinia, se juntaram com outros escravos e fugiram, pela mata:

“Eles abriam a mata mesmo, passavam dias dentro do mato, e só paravam de andar quando tinham certeza que estavam bem longe de lá”.

Assim, relataram a formação de vários grupos que se espalharam e ocuparam as áreas de Acaraqui, Itacuruçá, Arapapuzinho, e Tauerá-Açú que compõem juntamente com outras seis o atual Território Quilombola “Ilhas de “Abaetetuba”.

Dona Benedita (51 anos), professora primária aposentada por problemas de saúde, mencionou que com a prosperidade do quilombo, novos fugitivos iam chegando, e a notícia se espalhava entre os escravos através de códigos desenhados na folha da palmeira ubim (*Geonoma sp*), que só eles conseguiam decifrar. Estas informações foram obtidas por D. Benedita por meio de entrevistas conduzidas a avó e outros moradores de Arapapuzinho e Tauerá-Açú.

A moradora D. Benedita lembra que sua avó que cresceu na senzala, contava que quando a escrava estava grávida do senhor, escondia de toda forma a gravidez, e assim que a criança nascia, as negras cantavam na mata: “*Oi babá Oi babá babá tá lhe chamando /Oi babá Oi babá babá precisa caminhar*” e os escravos fugidos, já sabiam que era pra buscar esse recém-nascido e leva-lo para o quilombo, pois se a senhora desconfiasse da traição de seu marido, colocava o bebê sobre o formigueiro para ser morto pelas formigas.

Outros 12 colaboradores afirmaram não descender destes. Enquanto sete apontaram nada saber sobre seus antepassados, um indício de que a história quilombola dentro da comunidade vem perdendo força. Algumas se autodenominaram quilombolas, por serem casadas com um descendente quilombola. É possível que para estas pessoas, esta questão esteja diretamente associada ao fato de residir no território demarcado.

Reconhecer-se quilombola não parece, portanto, uma identidade compartilhada pelas mães de família entrevistadas. De acordo com Santana (2014), muitas comunidades negras atuais não se reconhecem quilombolas, porque inconscientemente elas preferiram a “inclusão” a “exotização”.

5.4 Problemas de saúde e caminhos terapêuticos na comunidade quilombola Tauerá-Açú

Ao serem questionadas sobre as doenças mais frequentes na família, mencionaram gripe, diarreia, virose, febre e tosse. Estes males e sintomas são comuns em adultos e crianças. Os problemas de saúde próprios da infância nesta comunidade são verminoses, pneumonia e disenteria, enquanto que os adultos sofrem com dores em geral e em particular, dores de cabeça, enxaqueca, gastrite, problemas digestivos, reumatismo, hipertensão e insônia.

Em relação ao percurso terapêutico, isto é, ao caminho que percorrem para tratar estes males e a preferência por determinada terapia, 73% das interlocutoras afirmaram ter como primeira opção os remédios caseiros. A escolha é justificada, sobretudo pela eficácia dos remédios, pela confiança nos ensinamentos deixados por pessoas próximas (mãe, avós, etc), e devida a precariedade do sistema público de saúde, conforme pode ser apreendido em suas falas:

“Porque foi o único remédio que eu nasci e me criei que dava resultado”.

Maria

“Por que isso que é os nossos primeiros socorros”.

Neusa

“Por que eu me criei assim, às vezes a gente vai pra cidade é mais complicado o atendimento”.

Edjane

“Por que eu não gosto de levar logo no médico até por que lá o atendimento é precário pior do que aqui”.

Rosana

Pouco mais de 20% disseram primeiramente procurar a medicina oficial, representada pelo médico, Posto de Saúde e ACS. A automedicação foi citada por três das interlocutoras. A busca por especialistas locais foi mencionada por duas pessoas.

5.5 Fonte de saberes etnobotânicos

Os conhecimentos nesta comunidade são pautados principalmente na oralidade e a maioria dos participantes deste estudo (70%) indicou integrantes da família como responsáveis pelo saber etnobotânico que possuem. Mães são as maiores responsáveis pelo repasse dessas informações; em seguida foram mencionados os avós e outros parentes.

Alguns não atribuem a fonte do conhecimento a uma pessoa em particular: “Vem desde os antigos. Eles faziam e vendo que dava certo, a gente fazia!” Esta declaração reflete um conhecimento difundido historicamente na comunidade. Trata-se de uma transmissão de conhecimento vertical, onde a difusão desse saber acontece entre pessoas de diferentes gerações, não só pela oralidade, mas também pelo comportamento e até mesmo imitação (CAVALLI-SFORZA *et al.* 1982).

Os especialistas tradicionais também foram mencionados como importantes para a propagação desse conhecimento, além de vizinhos e até mesmo um antigo farmacêutico. Vale ressaltar ainda, que a religiosidade foi um fator influente na conformação do conhecimento sobre plantas para algumas mulheres, que mencionaram os ensinamentos do benzedor local, a mediunidade e a influência divina. A associação do conhecimento sobre plantas medicinais e a espiritualidade é expressa nos relatos das entrevistadas:

“A gente trabalha com mediunidade então vem na cabeça da gente (remédio) e a gente faz”.

Marilene

“Deus que colocou (remédio) na minha mente”.

Maria

“Esse (remédio) é da minha cabeça, Deus que coloca”.

Maria

5.6 Aspectos Botânicos

Foram registradas 93 etnoespécies de uso medicinal (Tabela 4), sendo 72 espécies identificadas botanicamente, as 21 não identificadas por razões diversas. Trata-se de plantas compradas em ervanários, locais em crescente desenvolvimento no município, ou eram

espécies utilizadas no passado contra doenças, como sarampo, atualmente controlada ou até mesmo erradicada na comunidade.

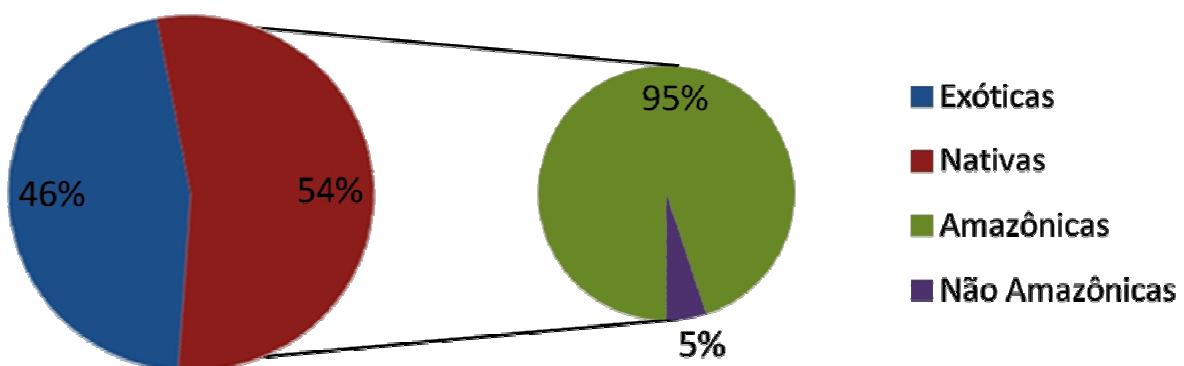
As espécies identificadas estão distribuídas em 65 gêneros e 38 famílias botânicas, entre as quais se destacam Lamiaceae (10), Fabaceae (8), Asteraceae (5), Euphorbiaceae e Zingiberaceae (3 cada), estas cinco famílias são cosmopolitas e/ou amplamente distribuídas (Judd *et al.*, 2009), e frequentemente usadas na cura de doenças por comunidades amazônicas (COELHO-FERREIRA, 2005;2009; RODRIGUES, 2006; VÁSQUEZ *et al.*, 2014); além de serem famílias representativas para as comunidades remanescentes de quilombos como apontam Almeida e Bandeira (2010); Nascimento e Conceição (2011) e Silva *et al.*(2012).

Dentre as espécies levantadas hortelã (*Mentha pulegium* L.), foi a mais mencionada com 19 citações, seguida de arruda (*Ruta graveolens* L.) (10) e boldo (*Gymnanthemum amygdalinum* (Delile) Sch.Bip. ex Walp.) (10), além de catinga-de-mulata (*Aeollanthus suaveolens* Mart. ex Spreng.) (6). Essas espécies também são notórias em outras comunidades quilombolas como Quilombo Sangrador (MA) estudada por Monteles e Pinheiro (2007) e em Pedro Cubas (SP) estudada por Rodrigues *et al.* (2010).

5.7 Origem e disponibilidade das plantas medicinais

Em relação à origem das espécies identificadas, 46% são exóticas e 54% são nativas do Brasil, sendo 95% destas (37 sp.) nativas da Amazônia (Figura 5). Destas, 19 ocorrem de forma espontânea, 11 são cultivadas e seis de ambas as formas. Segundo Hanazaki *et al.* (2000), a diversidade de conhecimento de plantas pode ser influenciada pela diversidade do ambiente, e no caso deste estudo, do bioma amazônico, o que poderia explicar a representatividade das espécies nativas.

Figura 5. Origem das espécies medicinais da comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.



Quarenta e duas ocorrem também no continente africano, entre as quais, 20 são nativas. Plantas amplamente utilizadas dentro da comunidade, como *Aeollanthus suaveolens*. e *Mentha pulegium* estão entre as nativas, seus usos medicinais também foram documentados em trabalhos na Nigéria (SOLADOYE; OYESIKU, 2008) e Angola (URSO *et al.*, 2016); países que contribuíram para a formação do povo brasileiro. Outro exemplo *Kalanchoe pinnata*, espécie endêmica da ilha de Madagascar amplamente utilizada no oeste Africano (OLIVER-BEVER, 1986).

Diversas plantas e animais vieram nos navios negreiros, trazidas pelos escravos, e representavam para estes, elementos básicos de sua cultura, alimentação e cuidados com a saúde (VOEKS, 2008). Com a chegada ao Brasil, durante os primeiros anos da colonização, as circunstâncias e as necessidades coletivas, certamente incentivaram a partilha e troca intelectual de saberes entre indígenas e negros, apesar das diferenças culturais, e das barreiras linguísticas que os separavam (CARNEY, 2013). Uma série de culturas americanas também chegava à África Ocidental, e foram incorporadas nas práticas de cultivo e etnomédicas, justificando a presença de espécies nativas da Amazônia, a exemplo da *Quassia amara*, entre as naturalizadas africanas (VOEKS, 2008).

Tabela 4. Aspectos botânicos das plantas medicinais utilizadas pela comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.

Família	Nome Vernacular	Nome Científico	Hábito	Habitat	Disponibilidade	Origem
Acanthaceae	Trevo	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Erva	Capoeira	Espontânea	Nativa
Amaranthaceae	Penicilina	<i>Alternanthera brasiliiana</i> (L.) Kuntze	Erva	Quintal	Cultivada	Nativa
	Metruz	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clements	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
Amaryllidaceae	Cebolinha	<i>Hymenocallis littoralis</i> (Jacq.) Salisb.	Erva	Flor. de Várzea	Espontânea	Nativa
Anacardiaceae	Cajú	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Árvore	Quintal	Cultivada	Nativa
Apiaceae	Chicória	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Erva	Quintal	Cultivada	Nativa
Apocynaceae	Carapanã	<i>Aspidosperma excelsum</i> Benth.	Árvore	Floresta	Espontânea	Nativa
	Sucuuba	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	Árvore	Floresta/Quintal	Cultivada/Espontânea	Nativa
	Amapá	<i>Parahancornia fasciculata</i> (Poir.) Benoit	Árvore	Floresta	Espontânea	Nativa
Arecaceae	Pupunha	<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	Palmeira	Flor. de Várzea/Quintal	Espontânea	Nativa
	Açaí	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Palmeira	Flor. de Várzea/Quintal	Cultivada/Espontânea	Nativa
	Açaí branco	Não identificada	Palmeira	Flor. Várzea/Quintal	Cultivada/Espontânea	Nativa
Asteraceae	Mucajá	Não identificada	Palmeira	Flor. de Várzea	Espontânea	Nativa
	Cravo	<i>Cosmos sulphureus</i> Cav.	Arbusto	Quintal	Cultivada	Exótica
	Pluma	<i>Tanacetum</i> sp.	Erva	Quintal	Cultivada	Nativa
Eucalipto / Japana		<i>Ayapana triplinervis</i> (M.Vahl) R.M.King & H.Rob.	Arbusto	Quintal	Cultivada/Espontânea	Nativa

Tabela 4. Continuação

Família	Nome Vernacular	Nome Científico	Hábito	Habitat	Disponibilidade	Origem
Bignoniaceae	Boldo	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Árvore	Quintal	Cultivada	Exótica
	Sicurijú	<i>Mikania lindleyana</i> DC.	Liana	Quintal	Cultivada/Espontânea	Nativa
	Macela	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Erva	Quintal	Espontânea	Nativa
	Girassol	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A.Gray	Arbusto	Quintal	Cultivada/Espontânea	Exótica
	Pariri	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G. Lohmann	Liana	Quintal	Cultivada/Espontânea	Nativa
	Jamaracarú	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Árvore	Capoeira	Cultivada	Nativa
	Jacareúba	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Árvore	Flor. de Várzea	Espontânea	Nativa
	Canafixe	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Sub arbusto	Quintal	Cultivada/Espontânea	Exótica
	Pirarucú	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
	Saião de planta	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Erva	Quintal	Cultivada	Nativa
Cyperaceae	Barba de paca	<i>Rhynchospora pubera</i> (Vahl) Boeckeler	Erva	Ruderal	Espontânea	Nativa
Euphorbiaceae	Pião-roxo	<i>Jatropha gossypiifolia</i> L.	Arbusto	Roça/Quintal	Espontânea	Nativa
	Coramina	<i>Euphorbia tithymaloides</i> L.	Erva	Quintal	Cultivada	Nativa
	Sacaca	<i>Croton cajucara</i> Benth.	Arbusto	Quintal	Cultivada/Espontânea	Nativa
Fabaceae	Feijão coandô	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Arbusto	Quintal	Cultivada	Exótica
	Cobaíba	<i>Copaifera sp.</i>	Árvore	Floresta	Espontânea	Nativa

Tabela 4. Continuação

Família	Nome Vernacular	Nome Científico	Hábito	Habitat	Disponibilidade	Origem
	Verônica	<i>Dalbergia sp.</i>	Liana	Flor. de Várzea	Espontânea	Nativa
	Açacú	<i>Erythrina fusca</i> Lour.	Árvore	Flor. de Várzea	Espontânea	Nativa
	Jucá	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	Árvore	Floresta/Quintal	Cultivada/Espontânea	Nativa
	Buiuçú	<i>Ormosia coutinhoi</i> Ducke	Árvore	Flor. de Várzea	Espontânea	Nativa
	Escada de jabutí	<i>Schnella sp.</i>	Liana	Floresta	Espontânea	Nativa
	Acapú	<i>Vouacapoua americana</i> Aubl.	Árvore	Floresta	Espontânea	Nativa
Gentianaceae	Tabacoarana	<i>Chelonanthus alatus</i> (Aubl.) Pull	Erva	Floresta	Espontânea	Nativa
Geraniaceae	Malva-rosa	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér. ex Aiton	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
Iridaceae	Marupazinho	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.	Erva	Quintal	Cultivada/Espontânea	Exótica
Lamiaceae	Catinga-de-mulata de mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
	Hortelã	<i>Mentha pulegium</i> L.	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
	Favacão	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Arbusto	Quintal	Cultivada	Exótica
	Magirona branca	<i>Origanum majorana</i> L.	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
	Magirona camilitana	<i>Origanum vulgare</i> L.	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
	Ortiga cheirosa/Ortiga/Hortelã do maranhão	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica

Tabela 4. Continuação

Família	Nome Vernacular	Nome Científico	Hábito	Habitat	Disponibilidade	Origem
Acanthaceae	Anador	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
	Sete dores	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
	Uriza	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
	Mirra	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
Lauraceae	Canela	<i>Cinnamomum verum</i> J Pres.	Árvore	Quintal	Cultivada	Exótica
Malvaceae	Algodão	<i>Gossypium arboreum</i> L.	Arbusto	Roça	Cultivada	Exótica
Moraceae	Caxinguba	<i>Ficus</i> sp.	Árvore	Flor. de Várzea	Espontânea	Nativa
Phyllantaceae	Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Erva	Ruderal/Quintal	Cultivada/Espontânea	Nativa
Phytolacaceae	Mucuracaá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Erva	Floresta/Quintal	Cultivada/Espontânea	Exótica
Piperaceae	Óleo Elétrico de planta	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Arbusto	Quintal	Cultivada	Nativa
Piperaceae	Comida de jabuti	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Erva	Ruderal	Espontânea	Nativa
Plantaginaceae	Pataqueira	<i>Conobea scoparioides</i> (Cham. & Schlechl.) Benth.	Erva	Floresta	Espontânea	Nativa
	Tançage	<i>Plantago major</i> L.	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
Poaceae	Capim marinho	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Erva	Quintal	Cultivada/Espontânea	Exótica
	Capim santo	<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	Arbusto	Quintal	Cultivada	Exótica

Tabela 4. Continuação

Família	Nome Vernacular	Nome Científico	Hábito	Habitat	Disponibilidade	Origem
Portulacaceae	Amor crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	Erva	Quintal	Cultivada	Nativa
Rutaceae	Limão	<i>Citrus aurantifolia</i> Swingle	Árvore	Quintal	Cultivada	Exótica
	Laranjeira	<i>Citrus</i> sp.	Árvore	Quintal	Cultivada	Exótica
	Laranja da Terra	<i>Citrus</i> sp.	Árvore	Quintal	Cultivada	Exótica
	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
Simaroubaceae	Quina	<i>Quassia amara</i> L.	Arbusto	Floresta	Cultivada/Espontânea	Nativa
Verbenaceae	Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Arbusto	Quintal	Cultivada	Nativa
Vitaceae	Pucá de plantas/ Cipó pucá	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis	Liana	Quintal	Cultivada	Nativa
Xanthorrhoeaceae	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
Zingiberaceae	Vindicá	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K.Schum.	Erva	Quintal	Cultivada/Espontânea	Exótica
	Borboleta	<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	Erva	Flor. de Várzea	Espontânea	Exótica
	Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Erva	Quintal	Cultivada	Exótica
Indeterminada	Chama	Não identificada	Erva	Quintal	Compra	-
Indeterminada	Erva-doce	Não identificada	-	-	Compra	-
Indeterminada	Ariazinho	Não identificada	Erva	Capoeira	Espontânea	-

Tabela 4. Continuação

Família	Nome Vernacular	Nome Científico	Hábito	Habitat	Disponibilidade	Origem
Indeterminada	Manjericão esturaque	Não coletada	-	-	-	-
Indeterminada	Mamona	Não identificada	-	-	Compra	
Indeterminada	Espinheira santa	Não identificada	-	-	Compra	-
Indeterminada	Sabugueiro	Não coletada	-	-	-	-
Indeterminada	Barbatimão	Não identificada	-	-	Compra	-
Indeterminada	Salva	Não coletada	-	-	-	-
Indeterminada	Banca esteio	Não identificada	Erva	Capoeira	Espontânea	-
Indeterminada	Reforcina	Não identificada	Árvore	Floresta	Espontânea	-
Indeterminada	Mururé	Não identificada	Árvore	Floresta	Espontânea	-
Indeterminada	Jatobá	Não identificada	-	-	Compra	-
Indeterminada	Pau do Curupira	Não identificada	-	-	Compra	-
Indeterminada	Pau Surí	Não identificada	-	-	Compra	-
Indeterminada	Casca doce	Não identificada	-	-	Compra	-
Indeterminada	Casca preciosa	Não identificada	-	-	Compra	-
Indeterminada	Aroeira do Pará	Não identificada	-	-	Compra	-
Indeterminada	Abacate	Não identificada	-	-	Compra	-

5.8 Índice de diversidade das espécies medicinais da comunidade quilombola de Tauerá-Açú.

O índice de diversidade de Shannon na comunidade quilombola de Tauerá-Açú ($H' = 4,14$) foi considerado alto, este valor é justificado pela ausência de espécies dominantes dentro do universo das plantas citadas pelas colaboradoras. Outros trabalhos realizados na Amazônia apresentaram resultados semelhantes Scudeller *et al.*, (2009) - São João do Tupé ($H' = 4,1$); Colônia Central ($H' = 3,89$) e Amorozo (1997) - Barcarena, Pará ($H' = 4,67$).

Entretanto, ao comparar os índices de Shannon entre espécies nativas ($H' = 1,38$) e exóticas ($H' = 3,74$), verifica-se que a diversidade de plantas exóticas reconhecidas pelas entrevistadas é bem mais expressiva que as nativas. De acordo com Hanazaki *et al.* (2000), isso ocorre entre as plantas medicinais devido a ampla difusão de algumas destas espécies em várias partes do mundo.

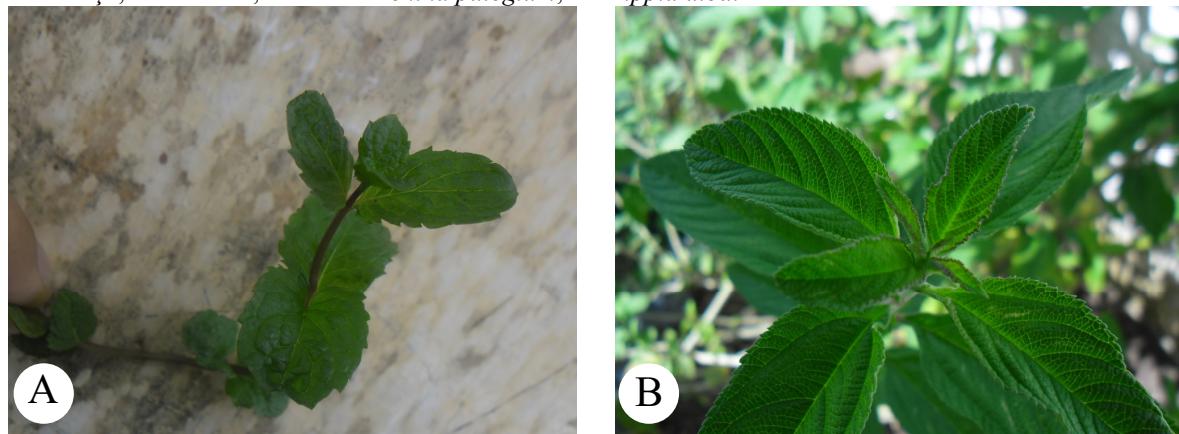
5.9 Saliência Cultural das etnoespécies medicinais da comunidade quilombola de Tauerá-Açú

Sessenta e quatro etnoespécies foram registradas por meio da técnica lista livres, sendo que nove destas estão entre as plantas que não puderam ser identificadas. No entanto, foram consideradas na análise de Saliência Cultural, cujos resultados estão apresentados na tabela 5.

A espécie mais saliente culturalmente foi a hortelã (*Mentha pulegium*) (Figura 6 A), nativa da região Norte da África e da Europa, porém Voeks *et al.* (2013) sugerem que a introdução desta espécie no Brasil e em algumas regiões da África deu-se pelas rotas dos portugueses e espanhóis, durante a colonização, e posteriormente foi incluída na farmacopeia afro-brasileira.

Dentre as 15 etnoespécies culturalmente mais importantes para a comunidade de Tauerá-Açú, apenas erva cidreira (*Lippia alba*) (Figura 6 B), que está na décima posição, macela (*Pluchea sagittalis*) são nativas na Amazônia. As demais são exóticas, dentre estas, cinco são nativas na África, são elas hortelã, boldo, sete dores (*Plectranthus neochilus*), catinga-de-mulata e pirarucu, isso demonstra a importância cultural das plantas de origem africana na comunidade de Tauerá-Açú. Essas espécies tem sido amplamente citadas em estudos em diversas comunidades quilombolas no Brasil, Gomes e Bandeira (2012), Crepaldi e Peixoto (2009), Moreira *et al.*, (2002) e Mota e Dias (2002).

Figura 6. Espécies nativas na África e na Amazônia de maior saliência cultural, na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. A - *Mentha pulegium*, B - *Lippia alba*.



Pedrollo (2013) afirma que para entender os fatores que tornam uma planta mais ou menos saliente cognitivamente envolve o levantamento de hipóteses. A indicação terapêutica das espécies influencia no grau de importância da planta para a comunidade, por exemplo, *M. pulegium* recebeu indicação de uso para diarreia e gripe, problemas de saúde comum na população de Tauerá-Açú. Porém, outro fator como a facilidade de acesso, também pode influir, já que é uma planta cultivada em quintais próximos as residências.

Tabela 5. Saliência cultural das etnoespécies medicinais na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, município de Abaetetuba. Etnoespécies mais importantes culturalmente citadas em negrito

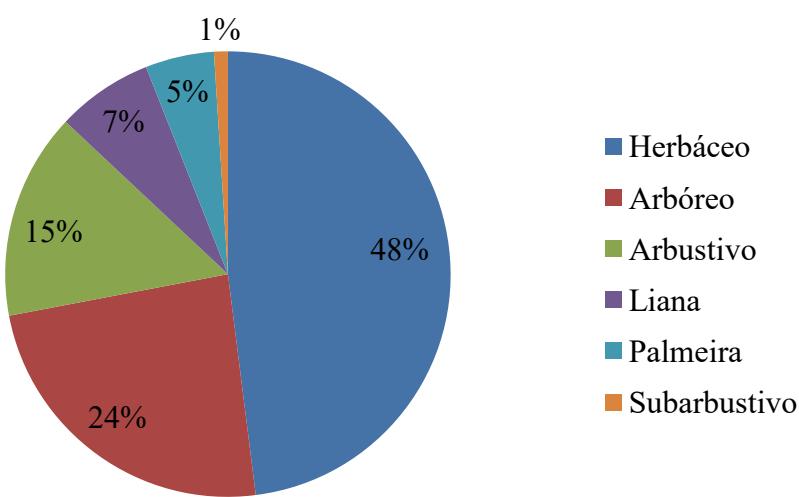
Nome vernacular	Saliência Cultural
Hortelã	0,43
Arruda	0,23
Boldo	0,22
Sete dores	0,12
Marupazinho	0,09
Anador	0,09
Capim-marinho	0,08
Catinga-de-mulata de mulata	0,08
Limão	0,08
Erva cidreira	0,07
Pirarucú	0,07
Macela	0,06
Babosa	0,06
Cravo	0,06
Jucá	0,05
Caxinguba	0,05
Pariri	0,05
Salva	0,05
Sicurijú	0,04

Nome vernacular	Saliência Cultural
Amor crescido	0,04
Canafixe	0,04
Malva-rosa	0,04
Chama	0,03
Cajú	0,03
Açaí	0,03
Sicurijú	0,03
Sabugueiro	0,03
Barbatimão	0,03
Mucuracaá	0,03
Eucalipto/Japana	0,03
Óleo eletrico de planta	0,03
Ortiga cheirosa/Ortiga/Hortelã do maranhão	0,02
Pucá de plantas/Cipó pucá	0,02
Magirona branca	0,02
Laranjeira	0,02
Pluma	0,02
Sucuuba	0,02
Espinheira santa	0,02
Açaí branco	0,02
Quina	0,02
Barba de paca	0,02
Pupunha	0,02
Mamona	0,02
Uriza	0,02
Pião-roxo	0,02
Canela	0,02
Mucajá	0,02
Buiuçú	0,02
Saião de planta	0,02
Amapá	0,02
Verônica	0,01
Chicória	0,01
Coramina	0,01
Ariazinho	0,01
Tançage	0,01
Quebra pedra	0,01
Metruz	0,01
Erva-doce	0,01
Manjericão esturaque	0,01
Penicilina	0,003
Vindicá	0,003
Gengibre	0,003

5.10 Hábito

As espécies levantadas na comunidade de Tauerá-Açú estão distribuídas em cinco hábitos: herbáceo, arbóreo, arbustivo, liana, palmeira e subarbustivo (Figura 7).

Figura 7. Hábito das espécies medicinais mencionadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.



A representatividade das herbáceas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, deve-se em geral, à facilidade de acesso, pois são cultivadas bem próximas as casas. Guarim-Neto e Amaral (2010) afirmam ainda que as herbáceas são mais frequentes devido ao pequeno espaço que ocupam no cultivo. Esta constatação também foi mencionada por Pilla *et al.* (2006). A teoria da disponibilidade de recursos, proposta por Coley *et al.* (2006), justifica essa preferência pelas herbáceas, devido à alta atividade de compostos secundários presentes nestas.

5.11 Ambientes explorados

Os ambientes explorados pelos moradores da comunidade para a coleta das plantas medicinais são: quintais, mata, floresta de várzea, capoeira, roça e ruderais. Dentre estes o quintal, com 60% das citações, foi o ambiente de onde mais são retiradas as plantas medicinais.

Os quintais na comunidade de Tauerá-Açú variam na composição e organização de acordo com a localização de cada morador. No “centro” por ser uma área pouco alagável, os quintais são amplos e as plantas são cultivadas diretamente na terra (Figura 8 A), estas são provenientes de trocas, compras e até mesmo trazidas de dentro da mata e transplantadas para

os quintais. Segundo Amorozo e Gély (1988), a transplantação de plantas para o quintal obedece a critérios como, por exemplo, úteis que não esteja nesse ambiente. De acordo com Ming (2006) que precisem estas próximas às habitações, por serem utilizadas contra problemas de saúde mais comuns como gripe e dor, por exemplo.

Os quintais na área ribeirinha sofrem constantes alagamentos, como forma de proteger as plantas das inundações, as mesmas são cultivadas dentro de paneiros e latas que ficam suspensas (Figura 8 B). Outras plantas como o açaí e o mirití, são predominantes nos quintais ribeirinhos. A proveniência das plantas medicinais ocorre da mesma forma que no “centro”.

Figura 8. Aspectos do cultivo de plantas medicinais na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. A - quintal de uma moradora do “centro”. B - quintal de uma residente da área ribeirinha.



As matas ou florestas são os ambientes de flora mais densa que ocorrem no centro, de onde são exploradas 20 (21,5%) plantas medicinais mencionadas, principalmente pelos especialistas locais e pelas mães residentes no centro, provavelmente pelo fácil acesso destas.

A floresta de várzea (sete espécies) por sua vez teve mais espécies citadas pelas mulheres que ocupam as margens do rio, e pelos especialistas tradicionais que devido ao seu amplo conhecimento local demonstraram domínio dos diversos ambientes presentes na comunidade. Plantas de capoeira (quatro espécies), roça (três espécies) e ruderais (duas espécies) são ambientes pouco explorados ou pouco conhecidos pela comunidade, às espécies destes ambientes foram citadas pelos especialistas tradicionais em turnê guiada, ou por apenas uma entrevistada.

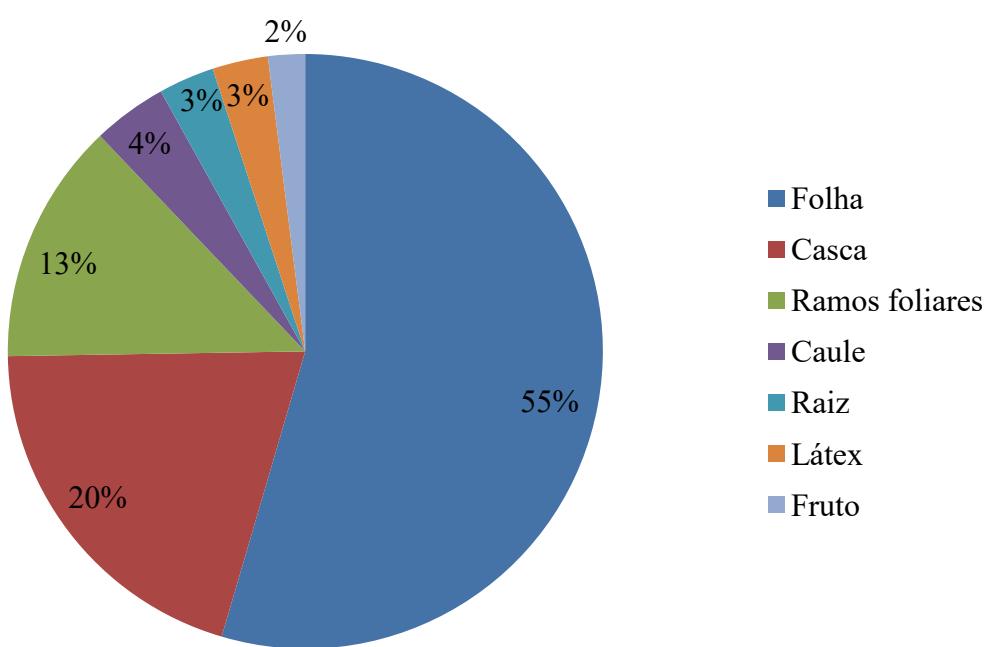
5.12 Partes das plantas utilizadas

Dentre a diversidade das partes vegetais utilizadas (Figura 9), as folhas representaram metade da amostra (50%), seguidas de casca (18,52%), ramos foliares (12,04%), caule

(3,70%), raiz e látex (2,78%, cada) e fruto (1,85%). As folhas são muito utilizadas, pois estão disponíveis durante o ano todo, não estando sujeitas a sazonalidade, como é o caso dos frutos e flores. Além disso, o uso maior das folhas e ramos nas preparações terapêuticas pode ser explicado pelo fato de que a Amazônia é predominantemente perenifólia (JARDIM; ZOGHBI, 2008). Ademais, sua coleta não prejudica a planta, ao contrário da retirada de raízes e bulbos que comprometem o espécime.

A casca foi segunda parte mais utilizada, citada majoritariamente pelo informante chave devido ao amplo uso destas nas garrafadas por ele preparadas.

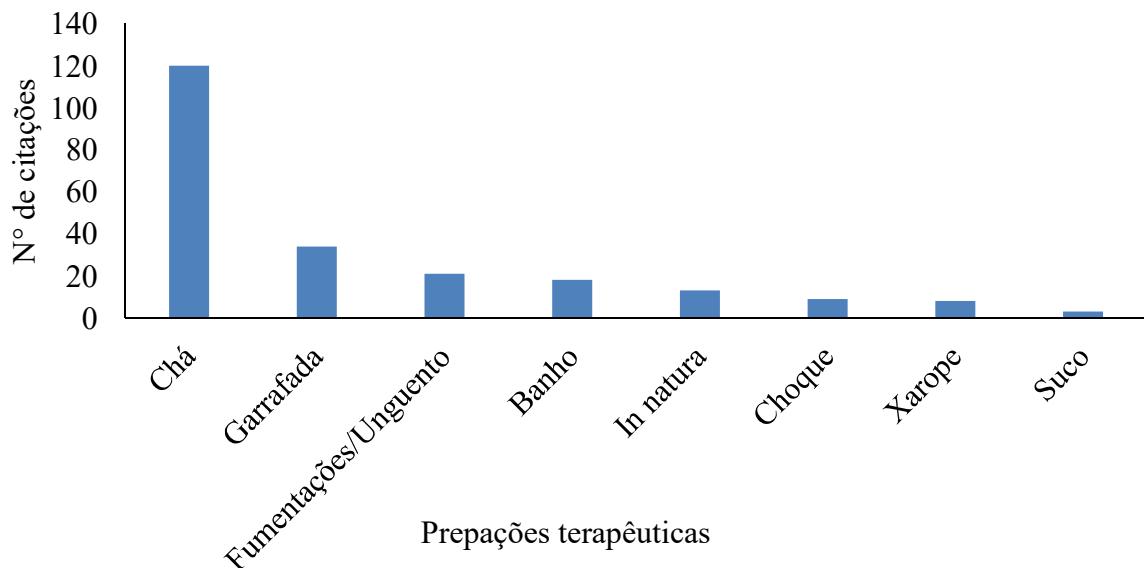
Figura 9. Partes usadas das plantas medicinais na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.



5.13 Preparações terapêuticas e vias de administração

Duzentas e vinte e seis preparações foram documentadas para o tratamento e prevenção de doenças (Figura 10), entre estas, 137 são receitas simples, isto, contém apenas uma planta; 89 receitas envolvem mais de uma planta ou plantas associadas a produtos industrializados, inclusive medicamentos. Estas associações serão tratadas posteriormente. Destas 74,34% de uso interno e 25,66% são empregadas externamente, são *chás, banhos, xaropes, sucos, choques, garrafadas, fomentações e plantas in natura*, que tecem as técnicas locais de curas.

Figura 10. Preparações terapêuticas mencionadas pelas moradoras da comunidade Quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.



Os chás são preparados por decocções ou por infusões e geralmente ingeridas (Figura 11 A). Tratam problemas digestivos, sintomas de dentição, dores em geral, sintomas de gripes e resfriados, verminoses e problemas cardíacos. O chá pode complementar tratamentos, como no do caso de *ramo de ar*, as mesmas plantas que entram na composição da Fumentações são utilizadas no preparo deste, ao qual são inclusos o fel da pacá e raspas de chifre de veado galheiro. Este chá pode ser tomado junto com a pílula de jalapa ou a pílula contra estupor.

Garrafadas são preparações alcóolicas ou aquosas, empregadas nos tratamentos de longo prazo, indicadas para diabetes, para engordar, para engravidar, para “regular o útero” e para infecção, e devem ser preparadas por pessoas experientes e que possuem amplo conhecimento sobre as plantas. Na comunidade de Tauerá-Açú apenas Seu Damião, manipula esse tipo de preparado. Em sua composição entram cascas, que variam de acordo com o que será tratado, ingredientes industrializados como queijo ralado, pó de guaraná, refrigerante, vinho entre outros, podem ser acrescidos.

A garrafada para emagrecer é também indicada contra diabetes, que de acordo com o Sr. Damião, é uma doença ligada à obesidade, por se tratar de um problema de saúde que aumenta a glicose no sangue, o informante logo advertiu que esta é uma garrafada extremamente amarga, além disso, causa muito suor e eliminação de urina. Tais efeitos explicariam por que esse remédio leva à rápida perda de peso. Seu Damião salienta que as dietas alimentares que um médico solicita a um diabético, devem ser mantidas, mesmo na administração da garrafada.

Fumentações é um tipo de unguento, que envolve uma série de cuidados especiais, e um ritual que deve ser repetido a cada aplicação. Por sua vez, ungamentos são misturas de consistência pastosa, em cuja composição entra plantas e uma gordura animal, responsável pela textura deste preparado. As plantas utilizadas para preparar uma Fumentações são consideradas plantas “finas”, isto é: “*tipo de planta que a gente precisa ter mais cuidado, por que se não, pode fazer mal e levar até a morte*”. Cravo (*Cosmos sulphureus*), arruda, catinga-de-mulata, cipó-pucá (*Cissus verticillata*), óleo-elétrico de planta (*Piper callosum*) e pluma (*Tanacetum* sp.) são exemplos de plantas desta categoria. Todas estas são maceradas em uma gordura animal, que pode ser banha de jacaré, de carneiro ou de pato preto. A este macerado é acrescentada Pílula de Jalapa ou Pílula Contra Estupor, adquiridas em ervanários da cidade, formando uma espécie de pomada escura de cheiro forte (Figura 11 B).

Enquanto as fumentações são indicadas no tratamento de *ramo ar* ou *doença que entorta* em massagens no corpo todo, visando a retomada dos movimentos perdidos, os ungamentos são aplicados localmente em casos de baques e dores em geral.

Em função da gravidade da doença, o tratamento com a Fumentações pode ser feito em dias seguidos ou alternados. Durante o tratamento, o consumo de alimentos “remosos” como, por exemplo, camarão, porco e dourada é proibido. Segundo D. Ana, grávidas não podem fazer uso desse remédio, por que é muito forte; relatou ainda que em algumas pessoas pode causar alergias e que se for utilizado em crianças, as medidas dos ingredientes devem ser reduzidas à metade.

Segundo uma das entrevistadas, que administra esse remédio em seu esposo, quem aplica esse preparado deve usar luvas, pois a exposição ao vento com esse remédio pode “encarangar” as mãos e levar até a morte. Após aplicação do remédio, deve ser tomada uma série de cuidados: o doente deve permanecer dentro de um quarto fechado, de preferência usando cobertor, protegendo-se do vento e da friagem.

Figura 11. Preparações terapêuticas mencionadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. A - moradora ingerindo chá. B - Pomada utilizada nas fumamentações.



Geralmente, no dia seguinte à aplicação, o remédio é retirado do corpo do doente por meio do “banho de sol”, preparado com folhas de japana (*Ayapana triplinervis*), uriza (*Pogostemon heyneanus*), pau de angola (não identificada), trevo (*Justicia pectoralis*.), favacão (*Ocimum gratissimum*.) e arumã de cheiro (não identificada), deixadas em maceração numa bacia exposta ao sol. Ao meio dia, quando o preparado já estiver bem aquecido, é usado para lavar o corpo da pessoa doente.

Os banhos são macerações feitas à temperatura ambiente ou aquecidas do sol. São compostas principalmente por plantas aromáticas, como por exemplo, malva-rosa (*Pelargonium graveolens*), catinga-de-mulata e arruda, indicados para problemas espirituais como mau olhado. Em caso de doenças quentes como febre e gripe, segundo algumas informantes, espécies como laranja da terra (*Citrus* sp.) e capim marinho (*Cymbopogon citratus*), podem entrar na composição do banho, são aquecidos e depois fica exposto ao sereno. É usado pela manhã bem cedo.

Há diversos tipos de banho, como por exemplo, o banho para “ficar feliz”, em que são utilizadas plantas aromáticas como uriza e pau de angola; “banho de acalmar criança” em que é usada apenas a chama, e ainda os “banhos de descarga”, preparado com as folhas de pião roxo (*Jatropha gossypiifolia*.), e álcool.

O modo de preparo *in natura* refere-se ao uso de partes das plantas como folhas, látex e óleos, entre outras usadas em seu estado natural, levemente aquecidas ou socadas. Esses são remédios aplicados diretamente no local afetado, sendo indicados no tratamento de dor de ouvido, erisipelas, ferimentos.

Choques são macerações alcóolicas, usadas externamente, cujo ingrediente primordial é associada à plantas aromáticas, como arruda e uriza, usadas sobretudo para dores de cabeça e reumáticas. O remédio é aplicado em fricção ou massagem local. Esta preparação pode ser conservada e usada por longos períodos, segundo os informantes, quanto mais tempo guardada, mais concentrada e mais eficaz ela se torna.

Os xaropes são decocções empregadas no tratamento de doenças como asma e verminoses. Nesta preparação é acrescentado mel ou açúcar, segundo as entrevistadas, por conta do gosto pouco palatável de alguns ingredientes, como por exemplo, a ortiga (*Plectranthus amboinicus*.), e também para adquirir a consistência necessária, por elas denominada como "ponto do xarope". De forma que não se trata de uma preparação simples, deve-se ter certa experiência para conseguir a consistência ideal. Em casos de inflamação de garganta, o tratamento com xarope deve ser complementado com a prática de "*curar a garganta*" esse procedimento implica em uma pessoa enrolar o dedo indicador com um pano ou algodão embebido em mel ou óleo de copaíba e levá-lo até o interior da garganta aplicando o remédio diretamente no local inflamado.

Sucos são misturas de plantas processadas no liquidificador, por ser composta por ingredientes densos como a "*massa*" da folha da babosa, para um sabor mais agradável são adoçadas com açúcar ou mel.

5.14 Associações diversas

Conforme mencionado, as preparações terapêuticas envolvem, além das plantas, produtos de origem diversa.

Os produtos de origem animal são matérias graxas de carneiro, jacaré e pato preto, além de fel de paca e chifre de veado galheiro. Tais recursos são em geral, encomendados aos caçadores ou àqueles que possuem fazendas. O popular “sebo de carneiro” é encontrado já beneficiado em farmácias locais sob a denominação de “*cera de Holanda*”. Os produtos mencionados entram na composição de fumentações e chás utilizados ao mesmo tempo contra *ramo de ar*.

Outro recurso animal bastante comum é o mel de abelha, um constituinte habitual dos xaropes destinados a combater doenças ou sintomas que acometem os pulmões como asma, tosse e *catarro no peito*. O leite materno ou “leite do peito”, também foi citado para tratar inflamação; é misturado ao sumo da folha do pirarucu, e aplicado nos olhos.

Além destes, ovo de codorna é um produto apreciado nas garrafadas para engordar. É também usado na medicina tradicional nordestina, porém é indicado para impotência sexual, fraqueza e infecção urinária (ALVES *et al.*, 2009).

O vinho tinto e refrigerante é essencial na garrafada por dar o sabor à preparação, cujos principais ingredientes são cascas, que normalmente não tem um sabor palatável. Da mesma maneira produtos comprados em ervanários e até mesmo em supermercados são acrescentados à preparação, como exemplo citam-se noz moscada, pó de guaraná, casca preciosa, casca doce, barbatimão, aroeira do Pará. A cachaça é o ingrediente primordial nos choques, agindo como um conservante do preparado.

Alguns outros produtos de origem vegetal são associados como a “pílula de Jalapa” e a “Pílula contra Estupor”, que são fitoterápicos compostos principalmente por Jalapa do Brasil (*Ipomoea dumosa* (Benth.) L.O. Williams) adquiridos em ervanários da cidade, ambas utilizadas no tratamento de *ramo de ar*.

A cânfora, uma substância obtida do caule de *Cinnamomum camphora* (L.) J. Presl (FERNANDES, 2008), e comprado em farmácias locais em forma de “pedra” é usada nas fumigações e choques. É usualmente empregada na medicina ocidental em massagens de relaxamento muscular, alívio de dores reumáticas e como analgésico.

Diversos medicamentos farmacêuticos são empregados na comunidade. Um exemplo é a Sulfadiazina empregada junto com o chá da catinga-de-mulata para tratamento de dores principalmente oriundas de ferimentos ou machucados. Para dor de barriga e diarreia acrescentam-se gotas de Buscopan ao chá da chama (não identificada), alterando apenas o número de gotas para adultos (12) e para crianças (5). Este chá também pode ser tomado com meio comprimido Aas, contra febres infantis.

Outro produto encontrado em farmácias de uso comum é a “Água Maravilha”, que em casos de dores é adicionado ao chá de sete dores, sacaca (*Croton cajucara*) e o sicurijú (*Mikania lindleyana*). Se a dor for de natureza hepática o produto acrescido ao mesmo chá é o “Extrato hepático”; este é substituído por “Atroveram” em se tratando de cólica menstrual. Um último exemplo é o “Elixir Parigórico”, que trata os problemas do trato gastrointestinal, associado ao chá de hortelã, caju (*Anacardium occidentale*) e chicória (*Eryngium foetidum*).

5.15 Indicações terapêuticas

As plantas medicinais foram indicadas para 57 problemas de saúde, que foram agrupados de acordo com os sistemas corporais tratados (Figura 12). Os sintomas, sinais e doenças não definidas, as desordens do aparelho digestivo, e do aparelho geniturinário, destacaram-se nesta pesquisa. Tais categorias coincidem com aquelas destacadas em estudos realizados em comunidades amazônicas (AMOROZO; GÉLY, 1988; COELHO, 2009; VÁSQUEZ *et al.*, 2014) e remanescentes de quilombo (MONTELES; PINHEIRO, 2009, SALES *et al.*, 2009; GOMES; BANDEIRA, 2012)

Problemas de saúde como dentição, dores em geral, febre e vômito foram incluídos na categoria Sintomas, sinais e doenças não definidos (28%). Febre foi o sintoma mais recorrente, provavelmente por ser um comum a diversas doenças. As espécies indicadas para o tratamento deste sintoma são catinga-de-mulata, uriza, feijão coandô (*Cajanus cajan*), favacão, limão (*Citrus aurantifolia*) e laranja da terra. O combate à febre pode variar de acordo com a intensidade com que esta se manifesta, conforme relatou D. Ana:

“Remédio muito forte, quente, não serve para febre alta, por que precisa refrescar o sangue. Remédio muito forte queima o sangue! Já a febre baixa, pode tomar um remédio quente.”

Os males do sistema digestivo (20,4%) abrangem sobretudo dor de barriga, diarreia e problemas de estômago. Para os interlocutores, estes problemas de saúde se devem à má alimentação, geralmente regada a muita gordura, farinha e sal. Estes problemas são atribuídos ainda ao consumo de água imprópria. É importante observar que Tauerá-Açú não possui serviços de tratamento de água e esgoto, como a maioria das comunidades amazônicas, e ribeirinhas, em particular. A dor de barriga, pode ser causada ainda pela ingestão de diversas frutas, como esclarece a jovem entrevistada, Aellen: “dá dor de barriga, quando mistura muita coisa do tipo...cupuaçu, açaí e manga”. As plantas indicadas no tratamento de dor de barriga, em geral são anador (*Plectranthus barbatus*), macela, sete dores e hortelã.

Dentre as desordens do aparelho geniturinário (17%), chamado localmente de “doenças de mulher”, estão a infecção urinária conhecida como “dor de urina”, cólica menstrual, infecções do aparelho reprodutor feminino e “suspensão”, isto é, quando o ciclo menstrual se encontra desregulado. O favorecimento da gravidez e do aborto, muito embora não sejam considerados doenças e nem sintomas, forma mencionados pelos entrevistados. Infecção urinária foi descrita como sensação de dor e ardência no ato de urinar, além de corrimento. Verônica (*Dalbergia* sp.), pirarucu (*Kallanchoe pinnata* (Lam.) Pres.), babosa

(*Aloe vera* (L.) Burm. f.) são algumas das plantas empregadas no tratamento desta afecção. Geralmente o tratamento é realizado pela manhã bem cedo ou de madrugada, e segundo as entrevistadas, quando a mulher está com o útero mais limpo, aumentando assim a eficácia dos remédios. Quina (*Quassia amara* L.) é um dos exemplos de planta com amplo espectro de uso, como por exemplo, no tratamento de cólica menstrual e suspensão, assim como para propiciar o aborto.

É importante ainda mencionar as doenças espirituais (3,4%), embora não estejam entre as categorias mais representativas. Elas são quebranto e mau olhado, cujos sintomas são vômito e dor de cabeça, causados principalmente pela inveja e os olhares admirados de algumas pessoas. Enquanto o quebranto acomete as crianças, de mau olhado sofrem os adultos. Para os entrevistados os maus espíritos também provocam sensações desagradáveis, “uma coisa ruim”, combatidas com banhos de “descarga”, preparados com folhas de pião roxo e sal virgem, e empregados nas segundas e quartas-feiras, na maré vazante. As doenças espirituais são, usualmente, tratadas por benzedores, e no caso desta comunidade, pelo Sr. Damião. As plantas mais indicadas são arruda (*Ruta graveolens*), catinga-de-mulata (*Aeollanthus suaveolens*), pião-roxo (*Jatropha gossypifolia*) e malva-rosa (*Pelargonium graveolens*).

Figura 12. Categorias de indicações terapêuticas das plantas medicinais na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará.

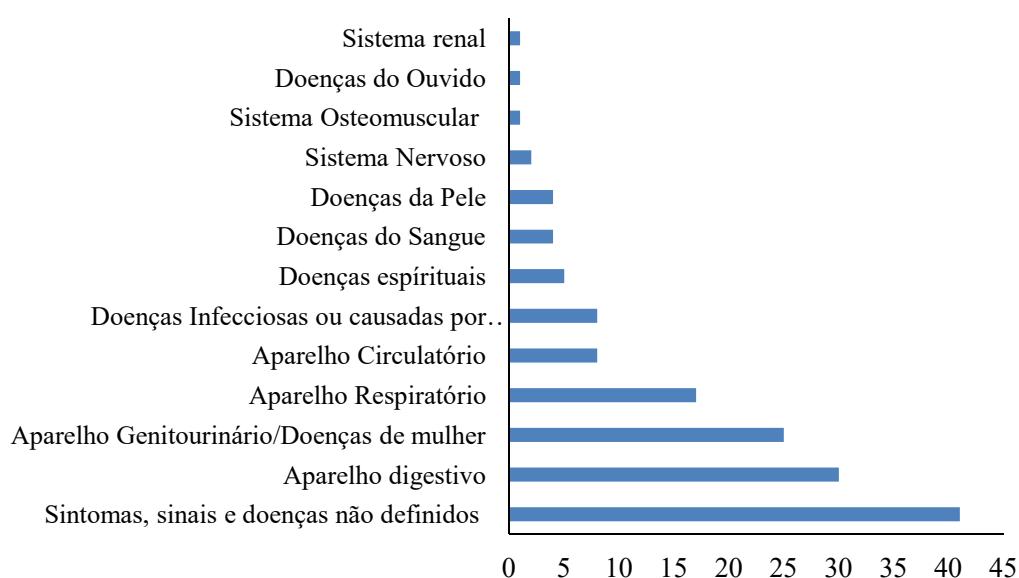


Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Acanthaceae	Trevo	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Folha	Febre	Banho: ver uriza	Ext.
Amaranthaceae	Metruz	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clements	Ramos foliares	Verminose	Chá: Põe a folha na vasilha e deixa ferver pode tomar de 1 a 3 vezes por dia	Int.
					Chá: Põe a folha na vasilha e deixa ferver pode tomar de 1 a 3 vezes por dia	Int.
Penicilina	Penicilina	<i>Alternanthera brasiliensis</i> (L.) Kuntze	Folha	Dor em geral e Dor de baque	Unguento: ver sete dores	Ext.
				Infecção urinária	Chá: Ver canafixe	Int.
Amaryllidaceae	Cebolinha	<i>Hymenocallis littoralis</i> (Jacq.) Salisb.	Caule	Asma	Xarope: corta a cebola bem miudinha e fervo junto com mel de abelha e bebo	Int.
Anacardiaceae	Cajú	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Casca	Diarreia	Chá: ver açaí	Int.
Apiaceae	Chicória	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Raiz	Dentição	Chá: coloca numa panela pra ferver junto com água a raiz da chicória.	Int.
				Gripe	Chá: Ferve a raiz da chicória junto com a folha da sacaca, pode beber de duas à três vezes ao dia	Int.
				Diarreia	Chá: ver hortelã	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Apocynaceae	Sucuuba	<i>Himatanthus articulatus</i> (Vahl) Woodson	Látex/ Casca	Asma	Chá: ferve a casca com água. Ou In natura: bebe o leite puro	Int.
			Casca	Úlcera	In natura: Coloca a casca na água e bebe todo dia.	Int.
			Casca	Emagrecer/Diabetes	Garrafada: coloca na água a casca do acapú, casca do mururé, casca do carapanã, casca da sucuuba, casca do pau de curupira, noz moscada e casca do pau surí. Toma duas colheres três vezes ao dia toma um pouco maisna hora do levantar e do deitar.	Int.
Amapá	<i>Parahancornia fasciculata</i> (Poir.) Benoist	Casca e Látex	Asma	Chá: coloca a casca pra ferver com água. Ou In natura: bebe o leite puro	Int.	
Carapanã	<i>Aspidosperma excelsum</i> Benth.	Casca	Emagrecer/ Diabetes	Garrafada: ver sucuuba	Int.	
Arecaceae	Açaí branco	Não identificada	Raiz	Infecção em geral	Chá: ver pariri	Int.
	Pupunha	<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	Raiz	Infecção em geral	Chá: ver pariri	Int.
	Mucajá	Não identificada	Raiz	Infecção em geral	Chá: ver pariri	Int.
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Raiz	Infecção urinária	Chá: ver quebra-pedra	Int.	

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Asteraceae	Cravo	<i>Cosmos sulphureus</i> Cav.	Folha	Dor de barriga	Chá: ver laranjeira	Int.
				Murrudá	Chá: ver marupazinho	Int.
				Diarreia	Chá: faz o chá coloca na água a casca do cajú, a raiz do açaí e as folhas do hortelã e pra ferver	Int.
Asteraceae	Pluma	<i>Tanacetum</i> sp.	Folha	Ramo de ar	Fumentações: soca folhas de cravo, de arruda, de catinga-de-mulata de mulata, de malva-rosa, de cipó pucá, de óleo elétrico de planta, e de pluma, acrescenta a banha de jacaré, de carneiro, ou de pato preto, mais a pílula de jalapa para fazer a Fumentações. Pode fazer também o chá com as mesmas plantas sem as banhas e tomar com a pílula contra-estupor ou a pílula da jalapa.	Ext.
					Fumeração:Ver cravo	Ext.
Asteraceae	Boldo	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Folha	Dor de barriga	Dor	
					Chá: coloca a folha na água pra ferver e toma junto com Elixir parigórico	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
				Problemas de estômago	Chá: ferve na água a folha do boldo e pode colocar junto a batatinha do marupazinho, raiz do açaízeiro, folha de espinheira santa, de sete dores, anador ou sicurijú.	Int.
				Problema de fígado	Chá: põe pra ferver só a folha do boldo	Int.
	Sicurijú	<i>Mikania lindleyana</i> DC.	Folha	Problemas de estômago	Chá: ver sete dores	Int.
				Problemas de estômago	Chá: ver boldo. Ou Chá: Para problemas de estômago ferve a folha com amor crescido, ou pode sacar a folha sozinha na água e ferver	Int.
	Macela	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Folha	Dor	Chá: ferve as folhas da marcela na água e toma quantas vezes se lembrar	Int.
				Dor de barriga	Chá: põe a água para ferver e depois coloca as folhas da macela e deixa ferver de 2 a 3 minutos	Int.
	Girassol	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A.Gray	Folha	Qubranto	Banho: coloca a folha na água e depois de um tempo banha a crinça que "tá" com quebranto	Ext.
	Eucalipto / Japana	<i>Ayapana triplinervis</i> (M.Vahl) R.M.King & H.Rob.	Folha	Febre	Banho: ver uriza	Ext.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
				Dor de urina	Chá: ver quebra-pedra	Int.
				Gripe	Banho: ferve as folhas do eucalipto, do limão a tarde e deixa no sereno pela manhã coloca na cabeça se não tiver febre. Esfregar a folha junto a folha de pataqueira, adicionando uma gota de água de colônia e põe no sol,toma uma vez “boca da noite”	Ext.
Bignoniaceae	Pariri	<i>Fridericia chica</i> (Bonpl.) L.G. Lohmann	Folha	Anemia	Chá: ferva as folhinha pariri com a casca da verônica e beterraba. Ou Chá: ferva só as folhas do pariri	Int.
				Infecção em geral	Chá: Faz o chá com a raiz do açaí branco, raiz da pupunheira, raiz do mucajá, folhas do pariri, folhas de tançage, casca do açacu,	Int.
Cactaceae	Jamaracarú	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Caule	Asma	Xarope: corta em pedacinho e tira o espinho e coloca pra ferver com mel de abelha	Int.
Calophyllaceae	Jacareúba	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Casca	Diabetes	Chá: corta a casca em pedaço e ferve na água.	Int.
Costaceae	Canafixe	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Caule	Dor de urina	Chá: ferva a canafixe com a penicilina e ferve na água. Ou Chá: ver jucá ou Chá: ver ariazinho. Ou Chá: ver quebra-pedra	Int.
				Pedra nos rins	Chá: ver quebra-pedra	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Crassulaceae	Pirarucú	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Folha	Izipra e inchaço	In natura: uma puqueca da folha do pirarucu e coloca em baixo da cinza do fogão de lenha depois espreme o sumo da folha em uma vasilha aí põe o salamargo e embebe um pano nesse líquido em coloca onde tá doente	Ext.
				Dor de ouvido	In natura: coloca a folha do pirarucu em cima de uma panela quente só para ela murchar depois que esfriar espreme a folha e pinga três gotas do sumo dentro do ouvido	Ext.
Crassulaceae	Pirarucú	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Folha	Inflamação nos olhos	In natura: morcha a folha no fogo coloca leite do peito em cima da folha "misgalha" no algodão e pinga nos olhos	Ext.
				Infecção urinária	Suco: ver babosa	Int.
				Inflamação de ferimento	Uguento: corta a folha do pirarucu e soca junto com o amor crescido e faz unguento e põe em cima do corte	Ext.
	Saião de planta	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Folha	Gastrite	Chá: fervê a folha e pinga água de colônia junto e bebe	Int.
				Dor de estômago	Chá: fervê só a folha do saião na água e bebe três vezes ao dia	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Cyperaceae	Barba de paca	<i>Rhynchospora pubera</i> (Vahl) Boeckeler	Folha	Infecção urinária	Chá: ver quebra-pedra	Int.
Euphorbiaceae	Mamona	Não identificada	Semente	Dor de cabeça	Unguento: mistura mamona com cera de Holanda (gordura de carneiro), passa em toda costa, no peito e na garganta uma vez ao dia	Ext.
	Pião-roxo	<i>Jatropha gossypiifolia</i> L.	Látex	Ferimento	In natura: é só colocar o leite dele em cima de onde tá ferido até sarar	Ext.
			Casca	Izipra	Choque: raspa o tronco e coloca essa raspa dentro da cachaça e passa na izipra	Ext.
			Folha	Mau espirito	Banho: tem que fazer um banho de descarraga, ferve as folhas do pião roxo, sal virgem e toma o banho na maré vazante segunda, quarta e sexta-feira	Ext.
				Mau olhado	Banho: mistura na água as folha do pião roxo, caabi e mucuracaá	Ext.
Euphorbiaceae	Coramina	<i>Euphorbia tithymaloides</i> L.	Ramos foliares	Cansaço	Chá: ferve a folha da coramina, da laranjeira e da erva-cidreira	Int.
				Problemas cardíacos	Chá: com as folhas da coramina e com erva-doce	Int.
	Sacaca	<i>Croton cajucara</i> Benth.	Folha	Gases	Chá: ver sete dores	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Fabaceae	Buiuçú	<i>Ormosia coutinhoi</i> Ducke	Casca e seiva	Dor de cabeça e febre	Choque: corta a casca esfrega e o sumo vai escorrendo igual á um tucupí, mistura ele com a cachaça e usa na cabeça	Ext.
Verônica		<i>Dalbergia sp.</i>	Casca	Infecção urinária	In natura: ver erva-doce	Int.
				Anemia	Chá: corta a casca da verônica em pedacinho e ferve unto com a folha do pariri	Int.
Jucá		<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	Fruto (Bajinha)	Infecção urinária	Chá: tem que ferver na água umas bajinha (fruto) de jucá, com barbatimão e "cana" da canafixe	Int.
Açacú		<i>Erythrina fusca</i> Lour.	Casca	Infecção em geral	Chá: ver pariri	Int.
Acapú		<i>Vouacapoua americana</i> Aubl.	Casca	Infecção	Garrafada: ver barbatimão	Int.
				Emagrecer/ Diabetes	Garrafada: ver sucuuba	Int.
				Regulador uterino	Garrafada: ver erva-doce	Int.
Feijão coandô		<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Folha	Constipação	Banho: ver limão	Ext.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Fabaceae	Escada de jabutí	<i>Schnella sp.</i>	Casca	Febre Infecção	Banho: ver uriza In natura: Tira a casca e coloca na água um pouco da farpa (casca fibrosa) e toma igual água	Ext. Int.
	Cobaíba	<i>Copaifera sp.</i>	Semente	Infecção	In natura: coloca a semente na água e deixa ela soltar óleo ao fica grosso e você é toma aquilo parece um óleo	Int.
Gentianaceae	Tabacoarana	<i>Chelonanthus alatus</i> (Aubl.) Pull	Folha	Curuba	Banho: esfrega a folha na água e depois passa no corpo da criança onde "tá" a curuba	Int.
Geraniaceae	Malva-rosa	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér. ex Aiton	Folha	Mau olhado	Banho: ver arruda	Ext.
Iridaceae	Marupazinho	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.	Bulbo	Ramo de ar	Fumenação: Ver cravo	Ext.
				Diarreia	Chá: ver hortelã. Ou Chá: pega a raiz do marupazinho ferve na água por dois minutos e tampa a panela e depois toma frio	Int.
				Murrudá	Chá: ferve a raiz do marupazinho junto com a da açaízeira. Tomar o dia todo no lugar da água. Ou chá: corta a raiz do marupazinho com a raiz vermelha da açaizeira, folha de magirona camilitana e o "imbigo" da castanha e ferve tudo na água	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Lamiaceae	Catinga-de-mulata de mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Ramos foliares	Mau olhado	Banho: Ver arruda	Ext.
Lamiaceae	Catinga-de-mulata de mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Ramos foliares	Dor	Chá: ferve folhas da catinga-de-mulata de mulata e toma com um comprimido de sufadeazina.	Int.
				Ramo de ar	Fumenação: Ver cravo	Ext.
				Febre	Chá: ferve as folhas da catinga-de-mulata de mulata e toma durante o dia todo, até passar a febre.	Int.
	Catinga-de-mulata de mulata	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Ramos foliares	Diarreia	Chá: coloco a folha da catinga-de-mulata pra ferver na água de 2 à 3 minutos. Tomar de 3 vezes ao dia, de dois à três dias.	Int.
				Vomito	Chá: coloco a folha da catinga-de-mulata pra ferver a água de 2 à 3 minutos. Tomar de 3 vezes ao dia, de dois à três dias. Junto com medicamento para vômito.	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
	Uriza	<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	Folha	Febre	Banho: soca ou ferve as folhas com arumã de cheiro, feijão coandô, folha de laranja da terra, limão, trevo, japana e favacão, deixa no sereno, tem que fazer hoje pra banhar amanhã de manhã cedo.	Ext.
				Dor de cabeça	In natura: soca e tira o sumo da folha da uriza e passa na testa. Ou Choque: Ver arruda. Ou Chá: ferve a uriza com arruda e hortelã	Ext. e Int.
Lamiaceae	Hortelã	<i>Mentha pulegium</i> L.	Ramos foliares	Dor de vento	Chá: ferve as folhas junto com chama e toma de duas a três vezes a dia	Int.
				Dor de cabeça	In natura: ver uriza	Int.
				Dentição	Chá: ferve as folhas do hortelã e os galhos também mistura com a planta chama e com sulfadiazina.	Int.
				Diarreia	Chá: ferve as folhas do hortelã e os galhos coloca no chá plantas como catinga-de-mulata de mulata, marupazinho, ou raiz da chicória, pode tomar com o elixir paregórico ou com Imosec. Ou Chá: ver açaí	Int.
						Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
			Gripe	Chá: serve só as folhas de hortelã e toma no lugar da água.		
			Dor de barriga	Chá: a folha de hortelã e os galinhos também serve junto com a planta sete dor pode tomar junto com o chá Ibuprofeno.		Int.
	Ortiga cheirosa/Ortiga/Hortelã do maranhão	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Folha	Dor de cabeça	Choque: tem que colocar na cachaça a folha da ortiga e a flor (brácteas e flor) do vindicá	Ext.
			Izipra/inchaço	In natura: murcha a folha da ortiga no fogo depois esfrega na não como se fosse enrolar a folha e põe onde tá inchado ou com a izipra		Ext.
Lamiaceae	Ortiga cheirosa/Ortiga/Hortelã do maranhão	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Folha	Dor no estômago	Chá: Põe pra ferver a folha e tomo o chá	Int.
			Gripe	Chá: Ferve a folha com água, mel de abelha e alho e toma duas vezes ao dia		Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
				Espectorante	Xarope: Coloco açúcar, alho, meio de limão e a folha da hortelã do maranhão quando ela murcha na panela e coloco dentro de um vidro tem que tomar uma colher quatro vezes ao dia	Int.
Magirona branca	<i>Origanum majorana</i> L.		Galho	Tirar aborrecimento de criança	Banho: Esfrega a folha na água e deixa no sol pra ficar cheiroso e depois banha a criança	Ext.
Anador	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews		Folha	Dor de barriga	Chá: ferve as folha do anador e do sete dores e a raiz da açaízeira	Int.
				Cólica menstrual	Chá: faz o chá com as folhas do anador e coa e toma com a pílula anador ou doril	Int.
				Problemas de estômago	Chá: coloca no fogo pra ferver a folha do anador, do sete dor e do boldo	Int.
				Dores em geral	Chá: ferve as folhas do anador por 15 minutos e toma três vezes ao dia até melhorar.	Int.
Magirona camilitana	<i>Origanum vulgare</i> L.		Ramos foliares	Murrudá	Chá: ver marupazinho	Int.
Sete dores	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.		Folha	Gases	Chá: coloco no fogo a folha do sete dores com a de sacaca e de sicuriju ou faço o chá só com sete dores	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Lamiaceae	Sete dores	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Folha	Problemas no fígado	Chá: ferva a folha do sete dores e depois de pronto pingo extrato hepático	Int.
				Cólica menstrual	Chá: coloca as folhas pra ferver na água e coloco atroveram em gota ou faço o chá só com as folhas do sete dor	Int.
				Problema de estômago	Chá: ver anador ou Chá: ver boldo	Int.
				Dor de barriga	Chá: ver arruda. Ou Chá: ver hortelã	Int.
				Dores em geral	Unguento: unguento com a folha do sete dores murchada no fogo e folha de penicilina e coloca azeite de andiroba, cera de Holanda (gordura de carneiro)	Ext.
				Dores de baque		Ext.
Favacão		<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Ramos foliares	Diarreia	Chá: ferve só a folha do sete dor e toma.	Int.
						Ext.
Mirra		<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Folha	Febre	Banho: ver uriza	Ext.
Lauraceae	Canela	<i>Cinnamomum verum</i> J Pres.	Ramos foliares	Pressão baixa	Chá: ferva a folha com água, mas pode misturar com leite	Int.
						Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Malvaceae	Algodão	<i>Gossypium arboreum</i> L.	Folha	Inflamação nos olhos	In natura: Ver pirarucu	Ext.
				Dor de urina	Chá: ver quebra-pedra	Int.
Moraceae	Caxinguba	<i>Ficus</i> sp.	Casca	Verminose	Chá: corto a casca bem "miudinho" e fervo, adulto toma puro e pra criança mistura com leite	Int.
Phyllantaceae	Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Ramos foliares	Pedra nos rins	Chá: ferve as folhas do quebra pedra e a "cana" da canafixe na água	Int.
				Infecção urinária	Chá: ferva o chá com canafixe as folhas da barba de paca, quebra-pedra, japana, folha de algodão, raiz do açaí e barbatimão	Int.
Phytolacaceae	Mucuracaá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Folha	Asma	Chá: coloco água e a folha junto pra ferver	Int.
Piperaceae	Óleo eletrico de planta	<i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Folha	Ramo de ar	Fumenação: Ver cravo	Ext.
Piperaceae	Comida de jabuti	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Folha	Gastrite	Chá: ferva a folha para gastrite	Int.
				Ritidoma	Izipra Choque: eu raspo o "tronco" e esses pedacinho dele coloco na cachaça para izipra	Int.
			Látex	Cicatrização	In natura: o latex é colocado em cima do ferimento pra sarar	Ext.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Plantaginaceae	Tançage	<i>Plantago major</i> L.	Folha	Infecção em geral	Chá: ver pariri	Int.
				Gripe	Chá: ferve as folhas da tançage na água e toma três vezes no dia	Int.
Pataqueira		<i>Conobea scopariooides</i> (Cham. & Schltdl.) Benth.	Folha	Gripe	Banho: ver Japana	Ext.
Poaceae	Capim marinho	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Folha	Constipação	Banho: ver limão	Ext.
				Pressão alta	Chá: esfrega a folha na mão e coloca para ferver a água ou pode esperar a água ferver e depois colocar a folha dentro e toma.	Int.
				Pressão Baixa	Chá: esfrega a folha na água e coloca pra ferver	Int.
Portulacaceae	Amor crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	Folha	Constipação	Banho: ver limão	Ext.
				Inflamação de ferimento	In natura: bate as folhas e põe o leite onde está ferido. Ou Unguento: ver pirarucu	Ext.
				Dor	Chá: coloca no fogo as folhas do amor-crescido com erva-cidreira e água	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
				Problema no estômago	Chá: ver sicuriju	Int.
Rutaceae	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Ramos foliares	Ramo de ar	Fumentações: Ver cravo	Ext.
				Banho: bate as folhas da arruda para tirar o sumo e põe na água pra banhar a cabeça, só pela manhã, pois o corpo está frio. Depois de duas horas lava com água normal. Ou Dor de cabeça	Chá: Ferve a arruda e põe um pinga de água de colônia. Toma até passar a dor. Ou choque: soca as folhas de arruda com uriza e mistura em cachaça e arcâncfora. Pode colocar de manhã e de tarde.	Ext.
			Mau olhado		Banho: esfrega a arruda na água com as folhas de malva-rosa e de catingade-mulata e banha a cabeça. É bom fazer todos os dias. Ou: Coloca uma palma (ramo foliar) dentro do cabelo	Ext.
			Dor de barriga		Chá: ferve as folhas de arruda, hortelã e sete dores. Toma três vezes ao dia até ficar melhor.	Int.
			Dor de garganta		Ferve as folhas da arruda e da hortelã, depois coa. Toma 1 vez ao dia até melhorar	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Rutaceae	Laranjeira	<i>Citrus sp.</i>	Folha	Tosse	Xarope: assa o limão na brasa depois exprime ele no mel de abelha e põe alho	Int.
				Constipação	Banho: para constipação coloca a folha do limão coloca, folha laranja da terra, capim marinho, capim santo, e feijão coandô coloca pra ferver e depois deixa no sereno para banhar a cabeça de manhã	Int.
				Febre (constipação)	Banho: Ver uriza	Ext.
				Inflamação na garganta	In natura: espreme um limão com água e açúcar e bebe uma vez no dia	Int.
				Dor de barriga	Chá: coloca para ferver na água folha de salva, de laranjeira e a raiz do açaízeiro e toma até passar	Int.
				Cansaço	Chá: ver coramina	Int.
Laranja da Terra		<i>Citrus sp.</i>	Folha	Gripe	Banho: para gripe amassa a folha na água e deixa no sereno usa na cabeça de manhã	Ext.
				Febre	Banho: ver uriza	Ext.
				Constipação	Banho: ver limão	Ext.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Simaroubaceae	Quina	<i>Quassia amara</i> L.	Folha	Abortiva	Suco: soca as folhas na água e toma de madrugada, também pode mistura com cachaça ao invés de água	Int.
				Cólica menstrual	Chá: rasga a folha ao meio e ferve na água e toma duas vezes ao dia.	Int.
				Suspensão	Chá: ferva as folhas de quina com breco de lué. Tem que tomar de madrugada porque o útero tá limpo.	Int.
				Paludismo	Banho: folhas de quina com breco de lué na água fria. Toma uma vez ao dia	Ext.
Verbenaceae	Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Folha	Insônia	Chá: Pões pra ferver as folhas de erva cidreira e adoça com açúcar	Int.
				Cansaço	Chá: ver coramina	Int.
				Pressão alta	Chá: deixa a folha secar no sol e depois ferve na água, pode tomar o comprimido para pressão junto.	Int.
Vitaceae	Pucá de plantas/ Cipó pucá	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis	Folha	Ramo de ar	Fumenação: Ver cravo	Ext.
Xanthorrhoeaceae	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Folha (mucilagem)	Infecção urinária	Suco: abre a folha e tira aquela massa de dentro, bate no liquidificador, coloca pirarucu junto e toma de duas à três vezes ao dia.	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Xanthorrhoeaceae	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Folha (mucilagem)	In natura: para cicatrização coloca a folha para murchar no fogo e tira a resina e coloca sobre o ferimento ou pode só abrir a folha e raspar a resina e colocar diretamente sobre o ferimento. Ou: Pode não levar ao fogo e colocar a resina fresca no ferimento	Ext.	
				Cicatrização		
Zingiberaceae	Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Raiz	Problemas de estômago	Suco: abre a folha tira aquela gosma de dentro e coloca no liquidificador e bate com mel de abelha, e toma duas vezes ao dia pode tomar todos os dias.	Int.
Borboleta	Vindicá	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K.Schum.	Folha e flor	Dor de cabeça	Choque: ver ortiga	Ext.
Indeterminada	Chama	Não identificada	Folha	Dor de barriga	Chá: ferve as folhas e mistura com 5 gotas de buscopam para criança e 12 pra adulto. Toma três vezes ao dia.	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Indeterminada	Erva-doce	Não identificada	Folha	Febre de criança	Chá: coloca as folha na água e depois no fogo e mistura com uma badinha de AAS	Int.
				Dentição	Chá: ver hortelã	Int.
				Gases	Chá: ver hortelã	Int.
Indeterminada	Erva-doce	Não identificada	Folha	Infecção urinária	In natura: água pedaços da casca de verônica e erva-doce. Toma feito água. Pode tomar sempre pra prevenir.	Int.
Indeterminada	Erva-doce	Não identificada	Folha	Gases	Chá: ferve as folhas com o marupazinho (bulbo) e fica tomando feito água até melhorar	Int.
				Regulador uterino	Garrafada: com dois litros de vinho a casca do jatobá, casca do mururé, casca do acapú, casca doce, casca preciosa, aroeira do Pará, barbatimão, noz moscada, pau surí, queijo ralado, erva doce e 6 ovos de codorna	Int.
				Problemas cardíacos	Chá: ver coramina	Int.
				Nervos/disfunção erétil	Chá: coloca pra ferver a casca do mururé com erva doce e toma antes de dormir	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
			Pra engravidar (Tratamento conceitivo)		Garrafada: coloca no refrigerante ou no vinho a casca do barbatimão, do jatobá, casca doce, casca preciosa, aroeira do pará, 6 ovos de codorna, caroço de abacate seco ralado, 1 colher de erva-doce, 1 colher de queijo ralado, 1 colher de pó de guaraná	
Indeterminada	Ariazinho	Não identificada	Raiz (batatinha)	Dor de urina	Chá: Bate a "batatinha" e põe na água pra ferver junto com a "cana" do canafixe	Int.
Indeterminada	Manjericão esturaque	Não coletada	Ramos foliares	Gripe	Chá: ver chicória	Int.
Indeterminada	Espinheira santa	Não identificada	Folha	Problema de estômago	Chá: ver boldo	Int.
Indeterminada	Sabugueiro	Não coletada	Folha	Sarampo	Chá: fervia a folha na água e junto tinha que curar a garganta com mel de abelha	Int.
Indeterminada	Barbatimão	Não identificada	Casca	Infecção urinária	Chá: Ver jucá. ou Chá: ver quebrapeda	Int.
Indeterminada	Barbatimão	Não identificada	Casca	Infecção	Garrafada: mistura com vinho ou refrigerante a casca da reforcina , casca do barbatimão, casca do mururé, casca do jatobá e casca do acapú	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Indeterminada	Salva	Não coletada	Folha	Regulador uterino	Garrafada: ver erva-doce	Int.
				Pra engravidar	Garrafada: ver erva-doce	Int.
Indeterminada	Salva	Não coletada	Folha	Dor	Chá: ferve as folhas e toma com paracetamol	Int.
				Dor de barriga	Chá: ver laranjeira	Int.
Indeterminada	Banca esteio	Não identificada	Raiz	Febre	Banho: coloca a raiz na água e banha a pessoa com febre	Ext.
Indeterminada	Reforcina	Não identificada	Casca	Infecção	Garrafada: ver barabatimão	Int.
Indeterminada	Mururé	Não identificada	Casca	Infecção	Garrafada: ver barabatimão	Int.
				Regulador uterino	Garrafada: ver erva-doce	Int.
Indeterminada	Jatobá	Não identificada	Casca	Emagrecer/ Diabetes	Garrafada: ver sucuuba	Int.
				Nervos/disfunção erétil	Chá: ver erva-doce	Int.
Indeterminada	Jatobá	Não identificada	Casca	Infecção	Garrafada: ver barabatimão	Int.
				Regulador uterino	Garrafada: ver erva-doce	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
				Pra engravidar (tratamento conceptivo)	Garrafada: ver erva-doce	Int.
Indeterminada	Pau do Curupira	Não identificada	Casca	Emagrecer/ Diabetes	Garrafada: ver sucuuba	Int.
Indeterminada	Pau Surí	Não identificada	Casca	Emagrecer/	Garrafada: ver sucuuba	Int.
Indeterminada	Pau Surí	Não identificada	Casca	Regulador uterino	Garrafada: ver erva-doce	Int.
Indeterminada	Casca doce	Não identificada	Casca	Pra engravidar	Garrafada: ver erva-doce	Int.
				Regulador uterino	Garrafada: ver erva-doce	Int.
Indeterminada	Casca preciosa	Não identificada	Casca	Pra engravidar	Garrafada: ver erva-doce	Int.
				Regulador uterino	Garrafada: ver erva-doce	Int.
Indeterminada	Aroeira do Pará	Não identificada	Casca	Regulador uterino	Garrafada: ver erva-doce	Int.
				Pra engravidar	Garrafada: ver erva-doce	Int.

Tabela 6 - Plantas medicinais usadas na comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetetuba, Pará. Ext.: Externo; Int.: Interno

Família	Nome vernacular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de preparo	Uso
Indeterminada	Abacate	Não identificada	Semente	Pra engravidar	Garrafada: ver erva-doce	Int.
				Engordar	Garrafada: mistura com vinho ou refrigerante queijo ralado, caroço do abacate seco ralado, noz moscada, pó de guaraná e ovo de codorna.	Int.

6. CONCLUSÃO

A pesquisa mostrou aspectos dos conhecimentos e práticas relacionados às plantas de uso terapêutico na comunidade quilombola Tauerá-Açu, cuja transmissão se dá no âmbito familiar tanto pela oralidade, quanto pela observação dos costumes e práticas cotidianas. Foi exposto, no entanto, a preocupação dos mais idosos para o risco de desaparecimento desses conhecimentos, dado o desinteresse crescente dos mais jovens. O resgate proposto neste estudo, por meio da abordagem etnobotânica, foi recebido pela comunidade como uma maneira de garantir a documentação de tais saberes e práticas, bem como a sua transmissão aos seus descendentes.

O universo amostral foi composto em sua maioria por mães de família, acumulando diferentes atividades fora do contexto doméstico. Completaram esta amostra, dois especialistas locais, reconhecidos como tal pela comunidade. Por oportuno, a maioria dos colaboradores não se reconhece como descendente quilombola, ou sequer sabe da história dos seus antepassados. Esta questão não foi tratada neste trabalho, por não ser o seu foco; contudo, seria um interessante objeto de estudos antropológicos.

Em Tauerá-Açu houve consenso sobre o uso de plantas medicinais como primeira medida tomada em casos de doença, por acreditarem na eficácia das mesmas e temerem os efeitos colaterais causados por medicamentos. As espécies levantadas expressam a equivalente contribuição entre a flora nativa no Brasil e na Amazônia e a flora introduzida, inclusive do continente africano. Utilizam uma grande diversidade de plantas medicinais para a cura e prevenção de doenças, não havendo espécie dominante na comunidade; entretanto, as espécies exóticas usadas são mais diversas que as nativas.

O Índice de Saliência Cultural revelou que a planta mais saliente foi o hortelã (*Mentha pulegium*), indicado para vários problemas, como dor de barriga, um dos problemas de saúde mais recorrentes. Em se tratando de espécie nativa na Amazônia, a melhor posicionada neste índice foi erva-cidreira (*Lippia alba*).

As indicações terapêuticas agrupam tanto doenças e sintomas a serem tratados ou combatidos, como também medidas preventivas e propiciatórias. O problema de saúde mais mencionado foi febre, devido a frequência deste sintoma em várias doenças. O tratamento de todos estes problemas implica em distintos modos de preparo, entre os quais a fumeração, um tipo de unguento, cujo uso é cercado de cuidados com o doente e com quem o administra. Parece ser um preparado particular e, quem sabe, relacionado à identidade quilombola.

A Comunidade quilombola de Tauerá-Açú, assim como diversas comunidades tradicionais, apresentam um rico conhecimento associado às plantas medicinais, cujo registro e documentação são importantes, enquanto forma de preservá-lo e valorizá-lo dentro da comunidade. Ademais, este acervo tem o potencial de subsidiar políticas de saúde, cultural e ambiental voltadas aos territórios quilombolas.

7. REFERÊNCIAS

ABA. Associação Brasileira de Antropologia. Grupo de Trabalho “Comunidades Negras Rurais”. **Documento do Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais, Associação Brasileira de Antropologia**, 1994.

ACEVEDO, R.; CASTRO, E. **Negros do Trombetas: guardiões de matas e rios**. Belém: UFPA. 1993.

AFRICAN PLANTS DATABASE. African Plants Database. Conservatoire et Jardin Botaniques de la Ville de Genève; South African National Biodiversity Institute, Pretoria. Disponível em: <http://www.ville-ge.ch/musinfo/bd/cjb/africa/>.

ALBUQUERQUE, U. P. **Folhas sagradas**: as plantas litúrgicas e medicinais nos cultos afro-brasileiros. Recife: Editora Universitária. UFPE. 1997, 195 p.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPPEA, 2010.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; NETO LINS, E. M. F. Seleção e escolha dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPPEA, 2010. p. 48.

ALMEIDA, S.M.; AMARAL, D.D.; SILVA, A.S.L. Floristic analysis and structure of tidal flooded forests in the amazonian estuary. **Acta Amazonica**. v. 34, p 513-524, 2004.

ALEXIADES, M.N. **Select guidelines for Ethnobotanical research: A Field Manual**. New York: The New York Botanical Garden: 53-54, 1996.

ALMEIDA, M. Z.; LÉDA, P. H.O.; SILVA, M. Q. O. R.; PINTO, A.; LISBOA, M.; GUEDES, M. L. M. L.; PEIXOTO, A. L. Species with medicinal and mystical-religious uses in São Francisco do Conde, Bahia, Brazil: a contribution to the selection of species for

introduction into the local Unified Health System. **Revista Brasileira Farmacognosia.** v. 24, p.171-184, 2014.

ALMEIDA, V.S.; BANDEIRA, F.P.S.F. O significado cultural do uso de plantas da caatinga pelos quilombolas do Raso da Catarina, município de Jeremoabo, Bahia, Brasil. **Rodriguesia**, n.61, v.2, p.195-209, 2010.

ALVES A. P. A. F.; TOMASI T.; SAHR C. L. L. A perspectiva etnográfica na identificação e caracterização de elementos cotidianos de uma comunidade quilombola. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v.3, n.7, p.79-100, out. 2011.

AMARAL, A.J.P. **Da senzala ao quilombo: práticas educativas e uso de recursos naturais entre os quilombolas do médio amazonas-Pará.** Belém-PA, Núcleo de Altos estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará, 2008.326 p. Tese de Doutorado– Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido.

AMOROZO, M. C. M. Algumas notas adicionais sobre o emprego de plantas e outros produtos com fins terapêuticos pela população cabocla do Município de Barcarena, PA, Brasil. **Bol Mus Paraense Emílio Goeldi**, v.13, p.192-213, 1997.

AMOROZO. M. C. Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas Medicinais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, Pa, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, Belém, v. 4, n. 1, p. 4, 1988.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Acta botânica brasílica.** v.16, n.2, p. 189-203, 2002 .

ANJOS, R.S.A. **Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil – Primeira Configuração Espacial**. 2. ed. Brasília, Mapas Editora & Consultorias, 2000.

APGIII. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III. **Botanical Journal of the Linnean Society**, n. 161, p. 105-121, 2009.

BARBOZA DA SILVA, N.C.; DELFINO REGIS, A.C.; ESQUIBEL, M. A.; ESPÍRITO SANTO SANTOS, J.; de ALMEIDA, M. Z. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II - Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v.. 11. 5, p. 435-453, 2012.

BEGOSSI, A. Use of ecological methods in ethnobotany: diversity indices. **Economic Botany**. v. 50, n.3, p. 280-289, 1996.

BERG, M. E. van den. **Plantas Medicinais na Amazônia**. 3^a edição. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010. 27p.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches** 4th ed. Lanham: AltaMiraPress, 213-450p. 2006.

BORGATTI. S. P. ANTHROPAC 4.0. Methods Guide. Columbia Analytic Technologies. 1992.

CAMARGO, M. T. L. A. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiro II: estudo etnofarmacobotânico**. São Paulo. Ícone. 1988, 229 p.

CAVALLI-SFORZA,L. L.; FELDMAN, M. W.; CHEH, K.H.; DORNBUSCH, S. M. Theory and Observation in Cultural Transmission. **Science**. v. 218, 1982.

CAVALCANTE, S. C. **Ecossistema de Várzea: Etnobotânica e Ecofisiologia**. 2014. 96p. Dissertação de Mestrado em Ciências Ambientais. Área de Concentração: Processos de

Interação da Biosfera-Atmosfera na Amazônia – Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais da Amazônia. Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, Santarém, 2014.

CAVALCANTE. S. C.; PEREIRA, M. G. S. **Plantas medicinais utilizadas pelos moradores da Comunidade Campompema, Abaetetuba, Pará, Brasil.** 2014. 80f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, 2014.

CARVALHO, M.C.C. **Igarapé Preto: a luta de uma Comunidade Remanescente de Quilombo no Baixo Tocantins.** Belém-PA, Núcleo de Altos estudos Amzônicos da Universidade Federal do Pará, 2001.137 p. Dissertação de mestrado – Curso internacional de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento – PLADES.

CARNEY, J. Seeds of Memory: Botanical Legacies of the African Diaspora In: VOEKS, R. RASHFORD, J. (Org) **African Ethnobotany in the Americas.** Editora Springer.2013, 417p.

CARDOSO, M.B.C. **Saberes ribeirinhos quilombolas e sua relação com a educação de jovens e adultos da comunidade de São João do Médio Itacuruçá, Abaetetuba/PA.** Belém-PA, Universidade Federal do Pará, 2012.161 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação.

COMISSÃO PRÓ ÍNDIO DE SÃO PAULO, 2015 Disponível em <http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/pa/pa_conquistas.html>. Acesso em 27 de Dezembro de 2015

COELHO – FERREIRA, M.R. **Identificação e valorização das plantas medicinais de uma comunidade pesqueira do litoral paraense. (Amazônia Brasileira).** Belém-PA, Centro de ciências biológicas da Universidade Federal do Pará, 2000.245 p. Tese de Doutorado– Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas.

COELHO-FERREIRA, M. R. SILVA, M. F. F. A Fitofarmacopeia da Comunidade Pesqueira de Marudá, Litoral Paraense. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**, sér. Ciências Naturais, Belém, n. 2, p. 31-43, 2005.

COELHO-FERREIRA, M. Medicinal knowledge and plant utilization in an Amazonian coastal community of Marudá, Pará State (Brazil). **Journal of Ethnopharmacology**, n.126, p.159–175, 2009.

COLEY, P.D.; BRYANT, J. P.; CHAPIN, F.S. Resource availability and plant antiherbivore defense. **Science**. v. 230, p. 895-899, 1985.

DIEGUES, A. C. (Org.) Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2000.

DI STASI, L. C.; HIRUMA-LIMA; C. A., SOUZA-BRITO, A. R. M.; MARIO, T. A.; SANTOS, C. M. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**.2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 604 p.

FERNANDES, T. D. A. **Activação de derivados da cânfora em centros de cobre: Aplicações em síntese orgânica**. 88p. Dissertação de Mestrado em Química. Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, Departamento de Química e Bioquímica. 2008.

FRAXE, T. J. P.; PEREIRA; H. S., WITCKOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.224p.

FREITAS, J.C.; FERNANDES M. E. B. Uso de plantas medicinais pela comunidade de Enfarrusca, Bragança, Pará. Bragança-PA. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Ciências Naturais, Belém. v. 1, n. 3, p. 11-26, 2006.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2015. Disponível em:
<<http://www.palmares.gov.br/>>. Acesso em 27 de Dezembro de 2015.

GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. F. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botanica Brasilica**. vol. 26, n. 4, p. 796-809, 2012.

GUARIM NETO, G.; SANTANA, S. R.; SILVA, J. V. B. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae Jussieu. **Acta botânica brasílica**. v.14, n.3, p. 327-334, 2000.

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. Diversity of plant uses in two *Caiçara* communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation**. v. 9, p.597–615, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Município de Abaetetuba, 2012. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em 05 janeiro de 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Município de Abaetetuba, Censo 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_pr_hom_mul.php?codigo=150010>. Acesso em 05 janeiro de 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA, 2016. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/quilombola>>. Acesso em 6 de Janeiro de 2016.

JARDIM, M. A. G.; ZOGHBI, M. G. B. (orgs.). **A flora da RESEX Chocoaré-Mato Grosso (PA): diversidade e usos**. Belém: MPEG, 2008. 144 p.

KREBS, C.J. **Ecological Methodology**. Harper and Row Publishers, New York, 1989. 654p.
LIMA, M.G.M.; PEREIRA, E.M.B. Populações tradicionais e conflitos territoriais na Amazônia. **Geografias**. Belo Horizonte V.3, n.1, p. 107-119,2007.

LIMA, R. X. **Estudos etnobotânicos em comunidades Continentais da área de proteção Ambiental de Guaraqueçaba Paraná - Brasil**. Curitiba-PR, Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná, 1996.123 p. Dissertação – Engenharia Florestal.

Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:
<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas Medicinais do Brasil: nativas e exóticas.** 2ed.
Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008. 544p.

MARQUES, J. A. MALCHER , M. A. **Territórios Quilombolas.** Texto, Instituto de Terras
do Pará; Belém: ITERPA, 2009. 74 p.

MASSAROTTO, N. P. **Diversidade e uso de plantas medicinais por comunidades
quilombolas Kalunga e Urbanas, no nordeste do estado de Goiás-GO.** 127 f. Dissertação
(Mestrado em Ciências Florestais)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

MING, L. C. Coleta de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas
Medicinais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar.** São Paulo: Editora da
Universidade Estadual Paulista, 1996.

MING, L.C. **Plantas medicinais na Reserva Extrativista Chico Mendes.** Uma visão
etnobotânica. São Paulo: UNESP, 2006. 122p.

MING, L.C; SILVA, R. B. **Relatos de Pesquisas e Outras Experiências Vividas no Vale do
Ribeira.** FUNESP, 2010. 275- 284p.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA, 2016. Disponível em:
<<http://www.mme.gov.br/>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

MONTELES, R.; PINHEIRO C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma
perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciencias da Terra**, v. 7, n. 2,p 1-12, 2007.

MORAES PINTO, B. C. Escravidão, fugas e memórias na região do Tocantins. **Projeto
História São Paulo.** n. 22. P. 333-342, 2001.

MOREIRA, R. C. T.; COSTA, L. C. B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A. Abordagem Etnobotânica acerca do Uso de Plantas Medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farm. Bonaerense.** v.21, n.3, p. 205-11, 2002.

MOTA, R. S.; DIAS, H. M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **Interações, Campo Grande.** v. 13, n. 2, p. 151-159, 2012.

MOYO, M.; AREMU, A. O.; STADEN, J. V. Medicinal plants: An invaluable, dwindling resource in sub-Saharan Africa. **Journal of Ethnopharmacology.** v. 174, p.595–606, 2015.

NAHUM, J. S. De ribeirinha a quilombola: dinâmica territorial de comunidades rurais na Amazônia paraense. **Campo Território: revista de geografia agrária**, v. 6, n. 12, p. 79-103, 2011.

NASCIMENTO, J. M.; CONCEIÇÃO, G. M. Plantas medicinais e indicações terapêuticas da comunidade quilombola Olho d’água do Raposo, Caxias, Maranhão, Brasil. **BioFar: Revista Brasileira de Biologia e Farmácia**, v. 06, n. 02, p. 138- 151, 2011.

NASCIMENTO, E. C. **Insegurança alimentar em comunidade quilombola do município de Abaetetuba, Pará. Belém-PA.** Universidade Federal do Pará, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, 2013 .118 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas.

NESHEIM, I.; DHILLION, S. S.; STOLEN, K. A. What Happens to Traditional Knowledge and Use of Natural Resources When People Migrate? **Human Ecology.** v.34, n. 1, p.99-131, 2006.

OLIVEIRA, D. R.; COSTA, A. L. M. A.; LEITÃO G. G.; CASTRO N. G.; SANTOS J. P.; LEITÃO, S. G. Estudo etnofarmacognóstico da saracuramirá (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke), uma planta medicinal usada por comunidades quilombolas do Município de Oriximiná-PA, Brasil. **Acta amazonica.** v. 41, n.3. p. 383 – 392, 2011.

OLIVER-BEVER, B. **Medicinal plants in tropical West Africa.** Cambridge university press. 1986, 355p.

OLIVEIRA, D. R.; KRETTLI, A. U.; AGUIAR, A.C. C.; LEITÃO, G.G.; VIEIRA, M. N.; MARTINS, K. S.; LEITÃO S. G. Ethnopharmacological evaluation of medicinal plants used against malaria by Quilombola Communities from Oriximiná, Brazil. **Jornal de Etnofarmacologia.** v.173, p. 424 - 434, 2015.

OLIVER-BEVER, B. **Medicinal plants in tropical West Africa.** Cambridge University Press, p.1-355, 1986.

PHILLIPS, O.; GENTRY,A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new Quantitative technique. **Economic Botany.** v.4, n .1, p. 15-32. 1993.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta botânica brasílica.** v. 20, n. 4, p. 789-802, 2006.

QUINLAN,M.2005. Considerations for collecting Freelists in the Field: Examples from Ethnobotany. **Field Methods** 17: 1-16, 2005.

REZENDE, E.A., RIBEIRO, M.T.F Conhecimento tradicional, plantas medicinais e propriedade intelectual: biopirataria ou bioprospecção? **Revista Brasileira Plantas Medicinais** ed., Botucatu, v.7, n.3, p.37-44, 2005

RODRIGUES, E. Plants and Animals Utilized as Medicines in the Jaú National Park (JNP), Brazilian Amazon **Phytotherapy.**..20, 378–391, 2006.

RODRIGUES, E.; CARLINI, E.L.A. Levantamento etnofarmacológico realizado entre um grupo de quilombolas do Brasil. **Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica.** v.1, n.2, p. 80-87, 2003.

RODRIGUES, D.S.; SOARES, A. J. S.; M. M. SANT'ANA. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais na comunidade remanescente de quilombos Pedro Cubas, Eldorado-SP. In: BARBOZA DA SILVA, R.; MING, L. C. Relatos de pesquisas e outras experiências no Vale do Ribeira. UNESP, 2010. 313p.

SALES, G. P. S., ALBUQUERQUE, H. N., CAVALCANTI, M. L. F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim – Areia-PB. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. Supl. Esp., N.1, p.33 – 36, 2009.

SALLES, Vicente. **O Negro no Pará: sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas. Universidade Federal do Pará. 1971, p. 336.

SANTANA, A.F. O real e a fantasia na assunção da identidade Quilombola. **Grau Zero - Revista de Crítica Cultural**, v.2, n. 1, 2014, p.131–158, 2014.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade** – v. 5, n. 10, p. 1-8, 2002.

SCUDELLER, V. V.; VEIGA, J. B.; ARAÚJO-JORGE, L. H. Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal nas comunidades São João do Tupé e Central (Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé). **Biotupé: Meio Físico, Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central**. UEA Edições, Manaus, v.2, 2009.

SECRETARIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E FINANÇAS – SEPOF. **Estatística municipal – Abaetetuba**. 47p. Disponível em: http://www.sepof.pa.gov.br/estatistica/ESTATISTICAS_MUNICIPAIS/Mesorr_Nordeste/Cameta/Abaetetuba.pdf. Acesso em janeiro de 2016.

SILVA, N. C. B.; REGIS, A. C.; ESQUIBEL, M.A.; SANTOS, J. E. S.; ALMEIDA, M. Z. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II – Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y Del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**. V. 11, n. 5, p. 435 – 453, 2012.

SILVA, R. B. L. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade Quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil.** Belém, 2002. 172 p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Rural da Amazônia.

SOLADOYE, M. O.; OYESIKU, O. O. Taxonomy of Nigeria Medicinal Plants. In: ODUGBEMI, T. (Org.). **A textbook of medicinal plants from Nigeria.** University of Lagos Press, 2008. p.119.

THRING, T.S.A., WEITZ, F.M. Medicinal plant use in the Bredasdorp/Elim region of the Southern Overberg in the Western Cape Province of South Africa. **Journal of Ethnopharmacology.** v. 103, p. 261–275, 2006.

TRECCANI, G. D. **Terras de quilombo: entraves do processo de titulação.** Belém: Programa Raízes, 2006.

TROPICOS. Tropicos.org. Missouri Botanical Garden. 2014. Disponível em: <www.tropicos.org>.

URSO, V.; SIGNORINI, M. A.; TONINI, M.; BRUSCHI, P. Wild medicinal and food plants used by communities living in Mopane woodlands of Southern Angola: Results of an ethnobotanical field investigation. **Journal of Ethnopharmacology.** v.177, p.126–139, 2016.

VÁSQUEZ, S. P. F. MENDONÇA, M. S. NODA, S.N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazônica.** v. 44, n. 4, p.457 – 472, 2014.

VERGER, P.F. **Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo.** Ed. Currupio, 295p, 1981.

VOEKS, R. **Sacred Leaves of Candomblé: African Magic, Medicine, and Religion in Brazil.** Austin: University of Texas Press. 1997, 256p.

VOEKS, R. RASHFORD, J. (Org) **African Ethnobotany in the Americas.** Editora Springer.2013, 417p.

VOEKS, R. Traditions in Transition: African Diaspora Ethnobotany in Lowland South America. In: ALEXIADES, M. N. **Mobility and migration in indigenous Amazonia:** contemporary ethnoecological perspectives. New York, Oxford, Berghahn,2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Regional office for the Western Pacific. **Research guidelines for evaluating the safety and efficacy of herbal medicines.** Manila: WHO, p.86,1993.

YORK, T.; WET, H.; VAN VUUREN, S.F. Plants used for treating respiratory infections in rural Maputaland, KwaZulu-Natal, South Africa. **Journal of Ethnopharmacology.** v. 135, n 3, p. 696–710, 2011.

APENDICE

SEPS Quadra 713/913, Bloco D, 5º andar
Brasília/DF – 70390-135 – Tel.: (61) 2024-5500/5502
Fax: (61) 2024-5514 – E-mail: gabinete@iphan.gov.br



Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Gabinete da Presidência

Ofício nº. 787 /2015/PRESI/IPHAN

Brasília, 30 de NOVEMBRO de 2015.

A Sua Senhoria o Senhor
NILSON GABAS JUNIOR
Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi
Av. Magalhães Barata, nº 376, São Braz
66040-170 – Belém - PA

Assunto: Autorização de Acesso a Conhecimento Tradicional Associado para fins de Pesquisa Científica – Processo nº 01492.000102/2015-98.

Senhor Diretor,

1. Encaminhamos a Vossa Senhoria a Autorização, concedida por este Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em conformidade com o Processo nº 01492.000102/2015-98, que trata de solicitação de acesso ao conhecimento tradicional associado para fins de pesquisa científica, sem acesso ao patrimônio genético e sem perspectiva econômica ou comercial, referente ao Projeto intitulado: *Etnobotânica médica da comunidade quilombola de Tauerá-Açú, Abaetuba, Pará*, submetido ao IPHAN em 26/02/2015, por força da Deliberação CGEN nº 279, de 20 de setembro de 2001.

2. A referida Autorização foi emitida em três vias originais, sendo a primeira destinada à Instituição Autorizada, a segunda à Coordenação do Projeto e a terceira a ser anexada ao respectivo processo, em epígrafe.

3. Assim, anexamos ao presente uma via da Autorização, acompanhada do correspondente Aviso de Autorização, devidamente publicado no Diário Oficial da União, o qual também permanecerá disponível na página eletrônica do IPHAN – www.iphan.gov.br.

4. Nesta oportunidade, renovamos protestos de elevada estima e consideração, colocando-nos à disposição para eventuais esclarecimentos por meio dos endereços eletrônicos: dpi@iphan.gov.br e cta@iphan.gov.br ou pelo telefone (61) 2024.5417/18.

Atenciosamente,

Jurema Machado
Presidenta



DPI/IOC